

TRADUÇÃO

Wilhelm Dilthey – Vida e obra

Wilhelm Dilthey – Leben und Werk

Prof. Dr. Guy van Kerckhoven
Katholieke Universiteit Leuven¹

Prof. Dr. Hans-Ulrich Lessing
Ruhr-Universität Bochum²

Tradutor:
Prof. Ms. Eduardo Henrique Silveira Kisse
Ruhr-Universität Bochum³

RESUMO

Wilhelm Dilthey, muito embora tenha grande importância na filosofia por conta de seus trabalhos com as ciências humanas, lógica, teoria das concepções de mundo, estética, pedagogia, história e muitos outros temas, não parece ter tido uma vida privada igualmente cheia de eventos extraordinários. Nascido em família religiosa que lhe forneceu uma boa infância, logo iniciou seus estudos em teologia, tendo mais tarde mudado para a filosofia, com a qual seu nome ficaria marcado na história da vida espiritual alemã. Foi na sua vida acadêmica que a vida de Dilthey encontrou seus mais altos pontos: com suas publicações, preleções e seminários, reconhecimento científico, círculo de amigos intelectuais (em especial o Conde Yorck). O que sobrou de seu pensamento permanece

¹Email: guy.vankerckhoven@kuleuven.be

² Email: Hans-Ulrich.Lessing@ruhr-uni-bochum.de Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9280-9365>

³ Email: ehskisse@hotmail.com

hoje como uma extensa obra, reunida, entre outros, nos 26 volumes das suas *Obras Completas* e no formato de perguntas lançadas para a tradição filosófica e para as ciências humanas.

PALAVRAS-CHAVE

Wilhelm Dilthey; Vida e obra; ciências humanas; biografia.

ABSTRACT

Despite his importance in the philosophy due to his works on the humanities, logic, theory of the world view, aesthetics, pedagogy, history and many other areas, Wilhelm Dilthey does not seem to have had a private life equally plenty of extraordinary events. Born in a religious family who offered him a good childhood, soon he started his theology studies, changing later to philosophy, because of which his name would make history in Germany's spiritual life. It was in his academical life that Dilthey found his highest points: with his publications, his lectures and seminaries, scientific recognition, circle of intellectual friends (specially Count Yorck). What remains of his thought exists today as an extensive work gathered in, among others, the 26 volumes of his *Selected Works* and as question, settled for the philosophical tradition and the humanities.

KEYWORDS

Wilhelm Dilthey; Life and work; humanities; biography.

211

NOTA DO TRADUTOR

O presente texto é a tradução da introdução à fotobiografia *Wilhelm Dilthey. Leben und Werk in Bildern*,⁴ escrita por Guy van Kerckhoven e Hans-Ulrich Lessing, de quem podemos muito feliz e agradecidamente contar com a permissão e o apoio para a presente publicação. Especialistas em Dilthey, os dois autores, além de possuírem uma série de publicações sobre o autor alemão, já trabalharam na edição de alguns dos volumes das *Obras Completas*⁵ suas e, no livro em questão, vêm trazer a público a vida, a obra e o contexto do círculo de amigos e trajetória acadêmica diltheyanos não somente com a tradicional descrição escrita de sua vida, mas também por meio de imagens suas, de rascunhos e manuscritos seus, retratos de familiares e amigos e de paisagens pelas quais passou. Apesar do livro original ser uma fotobiografia, aqui apresentaremos apenas seu âmago, que é o texto da introdução enquanto relato do decorrer de sua vida e do seu legado.

⁴ Cf. Referências.

⁵ No texto, serão citadas as *Obras Reunidas (Gesammelten Schriften)* com referência ao volume (em algarismos romanos) e à paginação (em algarismos arábicos ou romanos), as notas do editor através de menção à paginação em algarismo romano, o *Jovem Dilthey (Der junge Dilthey)* com a sigla J e as *Trocadas de correspondência entre Wilhelm Dilthey e o Conde Paul Yorck von Wartenburg (Briefwechsel zwischen Wilhelm Dilthey und dem Grafen Paul Yorck von Wartenburg)* com a sigla B.

Ainda que seja desnecessário ressaltar a importância da obra diltheyana não somente para a filosofia, como para as ciências humanas em geral, é importante mencionar que Dilthey, apesar disso, ainda é um autor relativamente pouco estudado no mundo todo e os países lusófonos não são exceção a isso. A presente tradução vem com o propósito de preencher a lacuna de dados biográficos seus publicados em língua portuguesa. Com isso, é esperado que o público de língua portuguesa tenha mais recursos para realizar pesquisas sobre o pensamento de Dilthey.

INTRODUÇÃO

Wilhelm Dilthey pertence à não pequena quantidade de pensadores alemães do século XIX que vêm de uma casa paroquial evangélica e, mais tarde, distancia-se do seu ambiente de origem, para seguir o caminho da filosofia.

Dilthey, cujo nome é usado hoje, antes de tudo, ligado à sua filosofia hermenêutico-histórica das ciências humanas, tal como a seus trabalhos de história literária e espiritual, é uma figura significativa da história espiritual alemã. Ele legou uma obra inimaginavelmente volumosa para o observador de hoje e, especialmente, multi-facetado. Ela abrange trabalhos de quase todas as áreas da filosofia sistemática e da prática, isto é, da teoria do conhecimento, lógica, filosofia da ciência, psicologia, ética, estética, além de pedagogia, de história da filosofia, da literatura e do espírito, tal como de teoria das concepções de mundo. Ao lado desse incansável trabalho de pesquisa, Dilthey era, no entanto, também um grande gerente científico de sucesso e conselheiro influente de Friedrich Althoff (1839-1908), o poderoso chefe pessoal de departamento no ministério prussiano da educação. O gigantesco espólio de Dilthey, armazenado em sua maior parte nos arquivos da Academia das Ciências de Berlim-Brandemburgo e em sua menor parte na Biblioteca Göttingen da Universidade e do Estado da Baixa-Saxônia, e os até agora 26 volumes já concluídos de suas *Obras completas* dá testemunho de sua imensa produtividade.

No âmago da obra de Dilthey, está a tentativa de uma abrangente fundamentação filosófica das ciências humanas, isto é, a tentativa de resguardar a auto-suficiência desse grupo de ciências, em contraposição às ciências naturais. Dilthey conceitua as ciências humanas como as ciências do homem, sua sociedade e história, bem como seus produtos espírito-culturais e as defendia contra o em sua época poderoso empenho naturalizante do positivismo, empirismo ou materialismo e a psicologia naturalista (“explicativa”), que pretendiam fazer do homem um objeto natural como outro qualquer e explicar causalmente sua vida anímica com recursos de conhecimentos, entre outros, fisiológicos, e – abreviadamente – queriam deduzir

TRADUÇÃO

KERCKHOVEN, G. v., LESSING, H.-U. *Wilhelm Dilthey – Vida e obra*

seus produtos espirituais a partir de concepção natural. Dilthey afirmava contra isso, com fundamentos filosóficos, a autonomia do homem e seu mundo espiritual. Este mundo precisa – pois é significativo e dotado de sentido – ser compreendido e interpretado. Daí a hermenêutica, a teoria da compreensão, encontrar lugar na sua filosofia das ciências humanas com uma significação especial, e suas abordagens para uma “filosofia hermenêutica” terem ainda grande influência sobre a discussão filosófica atual.

A obra, com a qual Dilthey queria fundamentar as ciências humanas, é a *Introdução às ciências humanas*, cujo primeiro volume foi publicado em 1883. O planejado segundo volume, que deveria conter a fundamentação propriamente dita, não pôde ser concluído; ele ficou apenas em fragmentos. Em vários ensaios, manuscritos e planejamentos, Dilthey se ocupou com o tema do segundo volume e, por quase todo o resto de sua vida, levou adiante o trabalho sobre o tema filosófico da vida.

Dilthey designou esse projeto de uma fundamentação epistemológica, lógica e metodológica das ciências humanas, que permaneceu inacabado, como uma “crítica da razão histórica” oportunamente também em alusão à filosofia crítica de Kant. O fundamento de sua filosofia das ciências humanas é uma filosofia da vida, que busca superar o intelectualismo abstrato da teoria do conhecimento moderna de Locke, Hume e Kant, através de um retorno ao “homem em sua totalidade”. Dilthey conceitua o sujeito conhecedor não mais como um ser puro, meramente representativo. Fundamento de sua filosofia do conhecimento é muito mais a “natureza humana em sua totalidade”, ou seja, o homem enquanto um “ser dotado de volição, sentimento e representação” (I, XVII), que é distinguido através da sociabilidade e da historicidade. Com isso, a filosofia da vida diltheyana não é expressão de um irracionalismo hostil à ciência, mas sim muito mais a tentativa de assegurar a cientificidade das ciências humanas, por meio da rejeição a um cientificismo irrefletido, cujos parâmetros de método das ciências naturais querem unir todas as ciências.

A vida exterior de Dilthey transcorre sem grandes rupturas ou catástrofes – ignorando-se as notoriamente inevitáveis vicissitudes de sua existência privada ou profissional. Os pontos altos de sua biografia são os sucessos científicos, publicações e reconhecimento no mundo profissional. Dilthey levou, obviamente, pouco em conta as honrarias oficiais tardias; para ele, era mais importante trabalhar na solução de seus problemas filosóficos. A vida de Dilthey é verdadeiramente típica para um professor alemão da segunda metade do século XIX. Em sua biografia, o Dilthey privado fica em segundo lugar em relação à obra, e a vida privada apenas constrói o pano de fundo para sua existência acadêmica. A vida de Dilthey estende-se desde a época Biedermeier até a Modernidade. Nascido nos fins dos tempos de Goethe, Dilthey experimentou, no final de sua juventude, o início da industrialização, a secularização, a ascensão das ciências naturais e a marcha da vitória da ciência e da

técnica. Sua obra é decididamente caracterizada pelos verbetes da modernidade: através da ciência e da unilateralidade. Dilthey, que foi insistentemente influenciado pela Escola Histórica, quer compreender a vida a partir dela mesma, desenvolver uma filosofia da vida enquanto fundamento das ciências humanas que conecte a segurança científica e a validade geral à rejeição enérgica à presunção dos positivistas e empiristas, que, aos olhos de Dilthey, mutilam a realidade histórica para poder ajustá-las os métodos das ciências naturais. (cf. I, XVII)

1.

Wilhelm Ludwig Christian Dilthey nasceu às 20 horas da noite de 19 de novembro de 1833 em Biebrich no Reno (em Wiesbaden).

Seu pai era o capelão da corte Maximilian (Max) Dilthey (1804-1867), que atuou no castelo de Biebrich, a residência dos regentes de Nassau, e a quem, além de cuidar da paróquia, foi confiada a educação das crianças da corte. Maximilian Dilthey fora convocado, em dezembro de 1828, a Biebrich. Ele assumiu, além disso, em 20 de novembro de 1837 o lugar de primeiro pastor em Mosbach, um vilarejo vizinho, que, junto a Biebrich, formou a corte dupla de Mosbach-Biebrich. De 1882 até 1893, chamou-se essa corte de Biebrich-Mosbach e, desde então, apenas Biebrich. Biebrich (-Mosbach) foi, de 08 de junho de 1891 a 01 de outubro de 1926, uma cidade autônoma e pertencia até então a Wiesbaden.

Max Dilthey foi nomeado em 1841 para o conselho da igreja, em 1855 para pastor do ducado e, em 1864, finalmente, para pastor sinodal da corte. A mãe de Dilthey era Maria Heuschkel (1810-1887), filha do mestre capelão da corte Johann Peter Heuschkel (1773-1853). Seu casamento com Maximilian Dilthey, realizado em 05 de fevereiro de 1832, resultou em cinco filhos: o mais velho Hermann Karl Friedrich morreu aos quatro anos de idade. Além de Wilhelm, a família era constituída pela filha mais velha, Marie (1836-1891), que apenas por um curto período permaneceu casada com o mestre construtor Adolf Lade, e, após a separação, retornou à casa de seus pais, o filho Karl (1839-1907), que mais tarde veio a ser professor de filologia e arqueologia em Zurique e Göttingen, e a filha mais nova, Caroline Wilhelmine (Lilli) (1846-1920), que se casou com Hermann Usener (1834-1905), o conhecido filólogo de Bonn e amigo próximo de Dilthey.

Wilhelm Dilthey nasceu num vicariato⁶ não mais existente, prédio anexo à antiga Praça dos Caçadores⁷ do castelo; o batismo aconteceu em 09 de dezembro de 1833. Ele passou sua infância e juventude, notoriamente muito alegres e livres de

⁶ Vicariato é onde trabalha o capelão da corte. (N. do T.)

⁷ *Jägerhof*, no original, é uma indicação de lugar na Alemanha, tal como um nome de rua, porém, sem equivalência exata em português. (N. do T.)

dificuldades, na casa paroquial de Mosbach, construída em 1696, na rua “Am Schloßpark”, casa que ficou conhecida mais tarde como “Dilthey-Haus”, e que se tornou, em 1982, um restaurante chamado “Dilthey-Schänke”.

O jovem Dilthey deparou-se logo cedo com a filosofia. Ainda enquanto secundarista, lia Kant e era desde então, por causa de seus interesses espirituais, versado no assunto. Mas Dilthey também era um músico muito habilidoso e interessado, como comprovam em especial seus diários de juventude. Esse forte interesse musical – ele era também um pianista talentoso – o uniu, numa amizade de longos anos, com Bernhard Scholz (1835-1916), quem ele já conhecia desde seus dias de criança e que veio a ser compositor.

Depois de passar pela escola pública de Biebrich, Dilthey mudou para o estabelecimento de aulas privadas do professor precário Emanuel Bernhardt⁸, uma escola privada, na qual ele preparou-se para os exames de admissão. Essa escola encontrava-se em Biebrich, na Mühlenstraße 4. No ano de 1847, após completar o secundário, Dilthey foi para Wiesbaden, para o ginásio clássico do Ducado de Nassau, localizado na Luisenplatz; hoje, naquele prédio, encontra-se o Ministério da Cultura de Hessen. Lá, ele passou no exame final do secundário com o conceito “bom” e apresentou, na condição *Primus Omnium*⁹, em 06 de abril de 1852, o discurso de despedida – infelizmente não passado adiante – *Sobre a influência da Grécia Antiga sobre a juventude*. Dilthey declarava querer seguir a profissão de jurista; segundo outra fonte, sua ambicionada meta profissional era a filologia.

No semestre do verão de 1852, Dilthey entrou na universidade de Heidelberg e inscreveu-se, na verdade, – certamente para atender o desejo de seu pai – na faculdade de teologia, mas participando também de preleções de filosofia. Nelas, em especial o historiador da filosofia hegeliano Kuno Fischer (1824-1907), ainda *Privatdozent*¹⁰ na época, impressionava-o fortemente. Numa carta de sua maturidade, Dilthey fazia menção a ele ironicamente como seu “professor idolatrado de joelhos” (J, 243). Após três semestres, Dilthey transferiu-se para a Universidade de Berlim e lá estudava, além de teologia, com os discípulos de Schleiermacher: Karl Immanuel Nitzsch (1787-1868) e August Detlev Christian Twisten (1789-1876), também filosofia com Friedrich Adolf Trendelenburg (1802-1872), história com Leopold von Ranke (1795-1886), bem como filologia com August Boeckh (1785-1867).

O objetivo de Dilthey era, já desde cedo, seguir uma carreira universitária e, com esse propósito, ele queria conectar “história da Igreja e do dogma no estudo da

⁸ Emanuel Bernhardt era candidato a um posto de professor. E precisava trabalhar numa escola numa espécie de estágio durante determinado tempo para isso. (N. do T.)

⁹ *Primus Omnium* era o título dado ao melhor aluno concluinte do ginásio na Alemanha até meados do século passado. (N. do T.)

¹⁰ *Privatdozent* (docente privado, literalmente) é um título universitário alemão surgido no século XIX. Pertence àqueles professores já habilitados, mas que ainda não têm uma posição numa cátedra. Apesar de não terem uma remuneração por esse trabalho, essa é uma passagem obrigatória, antes de assumir uma cátedra. (N. do T.)

concepção de mundo cristã no ocidente” (J, 281). Paralelamente ao seu intenso e agitado trabalho de pesquisa sobre a história da Igreja, Dilthey cultivava também contatos sociais. Nos seus primeiros anos em Berlim, pertenciam ao seu círculo de amizades, que crescia com os anos, também os alunos de Trendelenburg e Gustav Teichmüller (1832-1888), que se tornou professor de filosofia mais tarde.

Provavelmente no outono de 1855, Dilthey concluiu sua graduação em teologia em Wiesbaden, com o primeiro exame teológico (da igreja protestante de sua região) e, enquanto candidato a pastor, proferiu seu primeiro (e único) sermão, a saber, na paróquia da igreja de Mosbach. No início de novembro do ano seguinte, ele prestou também o Staatsexamen¹¹ de filologia na universidade de Berlim e lecionou de 15 de novembro de 1856 até a Páscoa de 1857 como professor auxiliar no Ginásio Real Francês, depois, até a Missa de São Miguel (29 de setembro) de 1857, como professor ordinário e adjunto, isto é, educador no famoso Joachimsthalsches Gymnasium em Berlim. Durante esse tempo, surgiram, como suas primeiras publicações científicas, alguns artigos mal pagos para a *Enciclopédia Real de Teologia e Igreja Protestantes*, como ele mais tarde lamentará (cf. J, 282). Esses artigos tinham os verbetes Lapsi, Lerinum, Llorente, Leon e Marcion por tema.

Após o ofício do magistério, Dilthey dedicou-se totalmente ao seu projeto científico. Paralelamente às suas pesquisas sobre a história da igreja, ele tomou, por acaso, contato com os escritos póstumos de Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834). O pastor Ludwig Jonas, genro de Schleiermacher, diácono da Igreja de São Nicolau em Berlim e editor das correspondências de Schleiermacher, havia pedido-lhe algumas informações e Dilthey reconheceu o significado que o trabalho de Schleiermacher teria, por meio de uma “analogia moderna”, com o seu próprio (J, 282). Após a morte de Jonas (1859), Dilthey assumiu a continuidade da edição das correspondências de Schleiermacher e concorreu ao prêmio do Instituto Schleiermacher, discorrendo sobre o tema proposto: “A relação característica da hermenêutica de Schleiermacher é posta à luz através da comparação com elaborações mais antigas dessa ciência, a saber as de Ernesti e Keil”. Em 1860, Dilthey recebeu, graças a seu grande estudo o prêmio duplo “em reconhecimento ao abrangente estudo e à importância da pesquisa”, o que o livrou, por algum tempo, da sufocante situação financeira. Apesar de pressionado pela comissão do prêmio, Dilthey negava-se, contudo, a publicar sua “pesquisa complexa” (J, 282). Apenas décadas após a sua morte, foi publicado o significativo trabalho de Dilthey sobre a história da hermenêutica.

Em 1861, pode ele publicar o terceiro volume das correspondências de Schleiermacher, saindo o volume final em 1864. Sua introdução ao terceiro volume sobre a relação de Schleiermacher com Friedrich Schlegel não pode vir a público, por

¹¹ Exame regulador do governo. É obrigado para algumas profissões. (N. do T.)

conta do veto da família de Schleiermacher. A partir daí, desenvolveu-se o planejamento do livro *Vida de Schleiermacher*, que o atarefaria nos anos seguintes.

No centro de seu extenso trabalho de pesquisa permanecia, entretanto, tal como antes, seu trabalho com a história da igreja e do dogma medieval. Primeiramente, Dilthey planejava um escrito de habilitação com Trendelenburg sobre o velho nominalismo, desde o início de 1860 até o início da escolástica. Por um lado, o trabalho de leitura intensivo para sua pesquisa sobre a Idade Média, que sempre foi sofrido para ele, por outro lado, o trabalho para a edição do quarto volume das correspondências de Schleiermacher levaram-no, em fevereiro de 1863, a um grave adoecimento. Por uma séria lesão ocular (cf. J, 180 f.), Dilthey foi forçado, “durante meio ano, a abrir mão da leitura e da escrita, tanto quanto possível.” (J, 283) Ele aproveitou esse tempo de repouso forçado para, entre outras atividades, uma demorada viagem de férias para a Suíça e para o norte da Itália, que ele realizou com seu amigo, o filósofo e historiador literário Rudolf Haym (1821-1901). Haym, que ficou mais tarde conhecido por conta de sua grande biografia sobre Herder, fundara, em 1858, o Anuário Prussiano e editou esse influente periódico até 1864.

Dilthey desistiu, por causa de seus sérios problemas de saúde, da continuidade de seu exigente trabalho histórico-filosófico com a Idade Média e terminou por, como ele mais tarde escreveria, “conformar-se com o doutorado com uma dissertação bem superficial sobre a ética de Schleiermacher”. (J, 283) Seu doutorado seguiu-se em 16 de janeiro de 1864, em vista de sua dissertação escrita em pouco tempo *De principiis ethices Schleiermacheri*, que no mesmo ano, foi publicada em Berlim. Imediatamente depois de seu doutorado, Dilthey apresentou o trabalho de sua habilitação¹², *Tentativa de uma análise da consciência moral*, e foi por meio dele – publicado somente postumamente –, que ele se tornou habilitado no dia 17 de junho de 1864. Dilthey realizou a sua prova de preleção diante da faculdade de filosofia da Universidade Friedrich-Wilhelm de Berlim, em 09 de junho de 1864, com o tema *Sobre as relações entre a teoria do conhecimento de Spinoza e seus conceitos fundamentais metafísicos*; a preleção pública de sua tomada de posse na Universidade de Berlim, em 17 de junho de 1864, levou o título *De Platone a Schleiermacheri restaurato*. Com o semestre de inverno de 1864/1865, Dilthey começou como Privatdozent.

As duas primeiras preleções tratavam de Schleiermacher (*Sobre Schleiermacher [em relação à filosofia e à teologia do nosso século]*), tal como de filosofia das ciências (*Lógica, com especial consideração à história e ao método das ciências particulares*). Para a preleção sobre Schleiermacher, Dilthey conseguiu interessar a cerca de 40 ouvintes, no entanto, apenas 5 participaram do curso de lógica (cf. J, 192). Para o semestre de inverno de 1865/66, Dilthey anunciou um curso sobre *Lógica e o sistema das ciências filosóficas* e disponibilizou os rapidamente preparados *Fundamentos da lógica e do*

¹² *Habilitation* é a qualificação de pós-doutores, através de uma leitura, sendo a mais alta dentre as qualificações do ensino superior alemão. (N. do T.)

sistema das ciências filosóficas, que vieram a ser o embrião de seu projeto de vida de uma fundamentação filosófica das ciências humanas.

No começo da sua época em Berlim, Dilthey estava, como as cartas daquele tempo nos deixam ver, em verdade incansavelmente ocupado com seu projeto de pesquisa científico, mas também não deixou de publicar além disso uma série de redações de conteúdo mais popular de temas histórico-literários (sobre Goethe, Novalis, Lessing e Hölderlin) e histórico-geral ou histórico-espiritual (entre outros, sobre os historiógrafos alemães, Schleiermacher, Schopenhauer, Baur e Gibbon), que ele pretendia publicar nos *Westermanns Monatsheften* e nos *Preußische Jahrbüchern*, tal como uma grande quantidade de recensões, que apareceram principalmente no *Preußische Zeitung* e no *Berliner Allgemeine Zeitung*. A maioria dos inúmeros ensaios e resenhas publicados por Dilthey saía anônimo ou sob pseudônimo (Wilhelm Hoffner, Karl Elkan, Wilhelm von Kleist e Friedrich Welden) e serviram sobretudo para o propósito profano de melhorar sua crítica situação financeira.

A partir de 1866, ele rascunhou os primeiros planejamentos, que já indicavam o seu grande projeto filosófico-científico e preparavam terreno para as reflexões sobre um “tipo de teoria científica” (J, 178), que ele perseguira desde o fim de 1862. Em 1867, foram publicadas no *Westermanns Monatsheften* sob o pseudônimo Friedrich Welden até mesmo uma novela *Luta de vida e paz de vida*, a qual não se seguiu de mais nenhum outro trabalho literário.

Além de seus complexos trabalhos literários, Dilthey dedicava-se também, por outro lado, com grande devoção ao seu círculo de amizades. A esse círculo, pertenciam, entre outros, Adolf Glaser, de 1856-1878 e de 1884-1907 redator-chefe do *Westermanns Monatsheften*, Hermann Usener, filólogo que veio a tornar-se seu cunhado, o publicista Wilhelm Wehrenpfennig, que, como Dilthey, primeiramente, estava a serviço de uma escola e, desde 1864 (1867-1883 junto a Heinrich von Treitschke) passou a editar o *Preußischen Jahrbücher*, o historiador da escola droysiana Bernhard Erdmannsdörffer (1833-1901), bem como o germanista de orientação positivista Wilhelm Scherer (1841-1886). Com os livre docentes da faculdade de filosofia, ele encontrava-se naquilo jocosamente conhecido como “Clube dos suicidas” (J 232, 251), ao qual pertenciam Herman Grimm, Wilhelm Scherer, Bernhard Erdmannsdörffer, Adolf Tobler, Julian Schmidt, entre outros. E com outros amigos promovia rodas para leitura de Shakespeare, Platão ou Aristófanos. Além disso, uma amizade ligava-o – por intermédio de Wilhelm Wehrenpfennig – ao autodidata Moritz Lazarus (1824-1903) e a sua (primeira) mulher, Sarah. Ele discutia intensivamente com Lazarus sobre seu projeto filosófico-científico. Sua ideia de uma nova ciência da cultura, da psicologia dos povos, desenvolvida por Lazarus com seu amigo e cunhado, o linguísta Heymann Steinhilber (1823-1899), foi considerada por Dilthey com grande interesse crítico e forçou-o à concretização de suas próprias reflexões, o que levou à delimitação decisiva do projeto de uma psicologia dos povos.

TRADUÇÃO

KERCKHOVEN, G. v., LESSING, H.-U. *Wilhelm Dilthey – Vida e obra*

Essa amizade rompeu-se, entretanto, com as circunstâncias não muito bem esclarecidas da partida de Lazarus a Bern (primavera de 1860), onde foi-lhe oferecido um posto como professor honorário.

Em dezembro de 1866, Dilthey foi nomeado professor de filosofia da Universidade de Basel e iniciou lá no semestre do verão de 1867 suas atividades letivas, que, contudo, terminou apenas depois de três semestres. Seu ordenado anual totalizava 3000 Francos. Sua preleção de tomada de posse foi pronunciada no início de julho de 1867 e intitulava-se *O movimento filosófico e poético na Alemanha de 1700-1800*. Em Basel, Dilthey leu pela primeira vez sobre psicologia (semestre de inverno de 1867) e, no semestre de verão de 1867/1868, proferiu a preleção sobre *Lógica e sistema das ciências filosóficas*, a assim chamada, “Lógica de Basel”, que não é de pouco significado para a gênese da *Introdução às ciências humanas*. Para o semestre de verão de 1868, Dilthey anunciou uma primeira preleção – que, entretanto, não veio a público – sobre pedagogia.

Já em fevereiro de 1868, Dilthey recebeu um convite da Universidade de Kiel, tomou posse do posto de professor durante a Missa de São Miguel (29 de setembro) de 1868, mas começou seu trabalho de preleções apenas no semestre de verão de 1869, graças à forte estafa do trabalho que o forçou a tirar férias para repouso desde o outono de 1868 até a primavera de 1869. Em Kiel – ele ocupava um apartamento em Düsternbrook – Dilthey oferecia, pela primeira vez, um curso sobre *História geral da filosofia até a morte de Hegel e de Schleiermacher* e concentrava de resto sua força de trabalho na conclusão do primeiro volume da sua grande biografia sobre Schleiermacher, *Vida de Schleiermacher*, publicado em 1870; a primeira leva já havia sido entregue no ano de 1867. Paralelamente a isso, Dilthey publicou uma série de pequenos trabalhos, resenhas acima de tudo.

Em abril de 1871, Dilthey recebeu outra vez um convite, desta vez, da Universidade de Breslau e deu início, na Missa de São Miguel (29 de setembro) de 1871 à sua cátedra, com um soldo de 1500 Táleres por ano, enquanto sucessor de Christlieb Julius Braniß (1792-1873), que mantinha laços de amizade com a família Yorck.

Os anos em Breslau (1871-1882) enquadram-se, sem dúvida alguma, à fase científica mais fértil na carreira universitária de Dilthey. Os fundamentos decisivos da sua filosofia das ciências humanas serão aqui estabelecidos de fato. A fundamentação da sua vida familiar formou-se, do mesmo modo, em sua época em Breslau. Em 22 de março de 1874, Dilthey casou-se com Katharina (Käthe) Püttmann (1854-1932), a filha de um advogado berlinense. Dessa união, resultaram-se três filhos: Clara Laura (* 03/02/1877), Paul Walter Ludwig Maximilian (* 11/04/1884) e Katharina Laura Emilie Helene (* 30/09/1888).

Igualmente no seu período em Breslau, iniciou-se a sua amizade com o proprietário de terras, auto-didata e membro da *Preußischen Herrenhauses* (desde 1866), Conde Paul Yorck von Wartenburg (01/03/1835-12/09/1897), que Dilthey

conheceu provavelmente em 1877. A amizade de uma vida inteira com o Conde Yorck, da qual a troca de correspondências que veio a ficar famosa mais tarde, é impressionante testemunho de um significado nada subestimável para o desenvolvimento do pensamento filosófico de Dilthey. Dilthey tinha Yorck, que vivia no castelo de Klein-Oels na vizinhança de Breslau, não somente como um parceiro de conversas competente e interessado em assuntos diversos, como leitor crítico de seus textos, como fornecedor de conselhos e ideias, mas ele admirava o religioso protestante Yorck também por conta de sua sólida concepção religiosa e sua independência espiritual. Em especial por causa do projeto filosófico da vida de Dilthey de uma “crítica da razão histórica”, o diálogo filosófico com Yorck foi de grande significância. Não sem motivos, a obra principal de Dilthey, a *Introdução às ciências humanas*, foi dedicada ao seu amigo.

Os anos em Breslau foram cunhados filosoficamente em especial pelo planejamento de uma filosofia fundamentadora das ciências humanas, que gradativamente ganhava força. Neles, confluíam planejamentos e projetos diferentes e originalmente não conectados de imediato, que datam desde o fim de 1871 e se juntavam a antigos planos filosófico-científicos. A partir de 1873, Dilthey desenvolvia planos para uma “filosofia da experiência”, que, contudo, não chegaram à elaboração. Em maio de 1874, Dilthey esboçava planejamentos para uma *Introdução à história da teoria egóica do homem, da sociedade, do Estado e da história nos séculos XVI e XVII*, que já em sua intitulação indicava imediatamente o importante “Ensaio de 1875”: *Sobre o estudo da história da ciência e do homem, da sociedade e do Estado*. Esse ensaio, para o qual Dilthey redigira inúmeros planejamentos e projetos preparativos, e para o qual ele elaborou manuscritos minuciosos para seu avanço, os quais, entretanto, ele não chegou a concluir, serviram como ponto de partida para pesquisas que culminaram no desenvolvimento da *Introdução às ciências humanas*.

Concomitantemente ao trabalho sobre essas múltiplas tentativas de uma história da teoria e da filosofia das ciências humanas, a época de Breslau caracterizou-se pela verdadeira ocupação excessiva de Dilthey com publicações, que se reduziam, acima de tudo, a uma quantidade quase ilimitada de resenhas, cartas literárias, assim como uma série de redações menores, de conteúdo mais popular, principalmente redações histórico-literárias sobre, entre outros, Voltaire, Alfieri, Balzac, Heine, Dickens, George Grote e George Sand e que ele – anônima ou pseudonimamente – publicava principalmente no *Westermanns Monatsheften*. Além desses inúmeros trabalhos menores, que ele escreveu mesmo prioritariamente para melhorar sua situação financeira, Dilthey levou a público no *Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft*, que seu velho amigo Lazarus editava em parceria com Heymann Steinthal, sua importante resenha *Sobre a capacidade de imaginação do poeta*, que foi integralmente retrabalhada sobre o título de *Goethe e a*

imaginação poética, achando lugar na sua coletânea tardia de redações *Vivência e poesia* (1906).

Ao final da década de 1870 e ao início da de 1880, as reflexões epistemológicas, filosófico-científicas e psicológicas de Dilthey para um embasamento das ciências humanas foram tomando, gradativamente, forma concreta. Em 1880, ele concebeu a fundamentação de sua teoria do conhecimento em um grande e abrangente tratado de 12 capítulos, que mais tarde, na pesquisa sobre Dilthey¹³, seria conhecida como a “Reelaboração de Breslau”. Seu pensamento sobre uma psicologia descritiva, não trabalhada natural-cientificamente, ficou registrado no volumoso manuscrito *A multiplicidade da vida* (em 1880) e suas ideias críticas contra o empirismo para uma filosofia das ciências humanas foram articuladas em alguns ensaios, que permaneceram apenas no formato de planejamentos e fragmentos.

Durante seu tempo em Breslau, Dilthey não trabalhou, entretanto, apenas nos seus problemas psicológico-filosóficos, mas tomou também parte notória na vida sócio-cultural da cidade. Então ele fez, entre outros, contato pessoal com alguns dos mais importantes músicos contemporâneos seus, em especial com Clara Schumann e Johannes Brahms, sendo concedido a este último pela faculdade de filosofia de Breslau, a pedido de Dilthey e de Alfred Dove, o título de *doutor honoris causa*.¹⁴

221

Durante o intensivo trabalho no primeiro volume da *Introdução*, chegou a ele em 10 de julho de 1882 um convite da cátedra de filosofia da Universidade de Berlim. Rudolf Hermann Lotze (1817-1881), um filósofo famoso e popular da segunda metade do século XIX, morreu inesperadamente ainda antes do fim do seu primeiro semestre berlinense. Graças à convocação a Berlim, à mais importante universidade alemã, foi proporcionada a Dilthey não apenas uma considerável melhora de suas condições financeiras, mas também possibilidades de destaque totalmente diversas daquelas da por ele pouco amada universidade na província silesiana. Dilthey aceitou o convite em 19 de julho e, no outono de 1882, sua família mudou-se para Berlim, onde Dilthey, no semestre de verão de 1883, assumiu o serviço letivo, ocupando a cadeira de filosofia teórica, enquanto sucessor de Fichte, Hegel, Gabler, Harms e Lotze.

2.

Primeiramente, Dilthey subestimou suas chances de ser nomeado sucessor de Lotze na cadeira berlinense de seu outrora professor Trendelenburg. Pois, com excessão do primeiro volume de sua incompleta biografia de Schleiermacher, ele não havia conseguido produzir efeito sobre um grande público da filosofia com um

¹³ Da Universidade de Bochum, na Alemanha. (N. do T.)

¹⁴ Cf. F. Rodi: “A meta é justamente o todo estruturado.” O papel da música na vida e nos escritos de Dilthey, do mesmo: O todo estruturado. Estudos sobre o trabalho de Wilhelm Dilthey. (WEILERSWIST 2003, p. 135).

trabalho maior. Somente depois de Kuno Fischer e Christoph Sigwart terem recusado e a faculdade tê-lo proposto, em maio de 1882, junto a Benno Erdmann, Dilthey recebeu, após o processo avaliador de costume, a cátedra.

Na sua nomeação, Dilthey usou do impacto de um “documento de um desempenho sistemático”, que, desde meados de 1881, estava em elaboração e sobre o qual ele, em meados de 1882, noticiava minuciosamente ao responsável pela questão de ensino no ministério prussiano, Richard Schoene. (cf. XIX, 389-392) A prova tipográfica da obra indica que Dilthey, ainda durante a impressão, mudou a concepção do livro, que ele, em maio de 1883, publicou com o título de *Introdução às ciências humanas. Tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história. Primeiro volume*. Junto a um prefácio, no qual o quadro geral da obra é explicado, estava contido um primeiro livro introdutório, *Panorama da conexão das ciências humanas particulares, no qual se apresenta a necessidade de uma ciência fundamentadora*, bem como um segundo livro com o título *Metafísica como base das ciências humanas. Seu domínio e sua decadência*. Originalmente, esse segundo livro deveria conter uma “fundamentação epistemológica”; esta ficou prevista apenas para um segundo volume, que ele anunciava no prefácio: “O segundo volume se dedicará inicialmente ao transcurso histórico no estágio das ciências particulares e da teoria do conhecimento e apresentará e julgará os trabalhos epistemológicos até o presente (terceiro volume). Ele procurará, então, empreender uma fundamentação epistemológica própria das ciências humanas (quarto e quinto livro).” (I, XIX)

As resenhas de até 1885, publicadas em diferentes periódicos, indicam que essa obra principal foi recebida predominantemente com reservas pelo meio acadêmico¹⁵, faltava-lhe mesmo era a fundamentação epistemológica propriamente dita. O cumprimento dos planos mais altamente exigentes de uma “crítica da razão histórica”, que remetiam a Kant, foi, durante os anos em Berlim, por meio de um segundo volume da *Introdução às ciências humanas*, objeto dos esforços mais intensos. “Se o segundo volume”, assim escrevia Dilthey ao Conde Yorck, “pudesse ser terminado, se diferenciaria muito do primeiro pela simplicidade adquirida do pensamento e da versão. No entanto, eu poderia invejar uma serra por ela ver o que ela fez todos os dias, todas as semanas. As requisições à pessoa que filosofa são insatisfazíveis.” (B, 38 s.)

Essas requisições foram apresentadas, pela primeira vez, nas preleções na faculdade berlinense. Apesar de Dilthey, de início ter “apenas alguns poucos alunos no curso”, ele achou “as relações na universidade [...], tanto nas formas como nos sentimentos recíprocos muito mais agradáveis do que em Breslau”. (B, 28) Heinrich von Treitschke, Jacob Grimm, Wilhelm Scherer, Georg Beseler foram aos primeiros colegas, com os quais Dilthey deparou-se em Berlim. “Tudo me vem ao encontro

¹⁵ Cf. H.-U. Lessing (1983): As resenhas contemporâneas da *Introdução às ciências humanas* de Dilthey (de 1883 até 1885). In: *Anuário-Dilthey* de filosofia e histórias das ciências humanas 1, p. 91-181.

amigavelmente; até mesmo a antiga graeca: Curtius Mommsen Zeller Schöne [...] estendeu-me a mão.” (B, 29) Em verdade, Dilthey viveu, durante esse ano, bem calado, mesmo na “mais profunda solidão”, “sem encontrar posição para participar de uma obrigação social qualquer.” (B, 30 e 29), mas arranhou imediatamente “curtos almoços” com Scherer e Julian Schmidt, encontrava-se com Treitschke “nas noites de quinta-feira [...] após a reunião da faculdade”, com Hermann Ebbinghaus em passeios semanais, nos quais eles também discutiam filosofia. (B, 37 f.)

No verão de 1883, Dilthey leu sobre a *Introdução ao estudo das ciências humanas (jurisprudência e ciências políticas, teologia e história)*. Ao mesmo tempo, ele deu início ao ciclo de preleções *História da filosofia moderna (no seu contexto com a cultura geral e as ciências particulares)* (semestre de verão de 1883 a 1893), no qual sucediam-se a cada vez, no semestre de inverno (1883/84 até 1893/94), as preleções *Lógica e teoria do conhecimento* e *Psicologia como ciência da experiência*. Delas, seguiam-se imediatamente as preleções sobre *Emprego da psicologia na pedagogia* como complemento das preleções de psicologia. Ele trabalhou exercícios sobre a *Crítica da razão pura de Kant* no semestre de verão de 1883 e 1885, tal como no semestre de inverno de 1885/86; a partir do semestre de verão de 1886, ele ofereceu *Exercícios sobre a filosofia moderna (sem tematização)* e, de 1884 até o ano de 1893, Dilthey lia, além disso, no semestre de verão sobre *História e sistema da pedagogia*. Ele utilizou essas atribuições agitadas com as preleções como inspiração para “reexaminar mais a fundo as principais perguntas sistemáticas” e para poder “permanecer na questão acerca da conexão das sentenças de uma fundamentação [das ciências humanas]”. (B, 36 e 38) Para os estudantes certamente deve ter tornado-se quase inacessível o contexto interno de suas preleções com a arquetônica e a sistemática gradualmente em desenvolvimento de sua “crítica da razão histórica”, para a qual Dilthey, desde dezembro de 1884, previa um terceiro volume adicional dedicado à “teoria do método” das ciências humanas.

Como Georg Misch noticiou mais tarde a partir de sua própria lembrança, a aparência de Dilthey na cátedra berlinense tinha “nada de extraordinário”. Ele foi “um verdadeiro professor alemão e um teórico da filosofia de sua ciência”. “Ainda em 1895, ele lia, para o que seria hoje um auditório pequeno, que não comportava muito mais do que 100 ouvintes, e que não se encheu nem uma vez.” À época, não era de modo algum natural, que se participasse do curso de Dilthey em Berlim, porque “Dilthey não era um orador.” “Ele atuou no geral mais através de suas obras do que através de seus discursos pessoalmente [...]” O próprio Dilthey confessou ao seu amigo, o Conde Paul Yorck, que ele, no começo, “não conseguia formar nenhuma relação” com os estudantes, “em parte por conta do aborrecimento com o número deles, em parte por conta do repulsivo auditório, em parte também evidentemente – porque a preleção lhes é demasiado difícil e as perguntas fundamentais são levadas muito profundamente.” (B, 28). Na primavera de 1885, ele pôde, entretanto, noticiar: “Ambas a preleções muito cheias e a história da filosofia me traz um grande prazer. Tal como parece, aos estudantes também.” (B, 50) No início dos anos noventa,

contava ele “em psicologia e teoria do conhecimento vários e entusiasmados ouvintes” e acreditava poder escrever que aquilo, “através do que eu verdadeira e filosoficamente revoluciono os estudantes, [é] minha verdadeira história geral da filosofia”. (B, 166 e 165) O quão importante esse curso foi para ele, para fazê-lo pensar “levar à perfeição”, conclui-se dum relato de uma carta do ano de 1887: “Sinto-me responsável na universidade somente pela história da filosofia.” (B, 232) Como já no ano de 1865 na preleção de lógica, Dilthey elaborou até o fim de fevereiro de 1885 o “fundamento da preleção de verão história universal da filosofia”, que ele imprimiu no mesmo ano sob o título de *Fundamentos literário-biográficos da história geral da filosofia para as preleções* como manuscrito. Até o ano de 1905, foram publicadas ao todo seis edições. Esses “fundamentos” berlinenses foram reeditados mais tarde - no ano de 1949 - por Hans-Georg Gadamer e complementados com um apêndice. Dilthey requisitava ocasionalmente aos estudantes protocolos das preleções, que ele juntava às páginas de seu caderno de preleções intensivamente elaborado e trabalhava a fundo.

No movimento de sua preleção de pedagogia, do verão de 1884, Dilthey trabalhou sem pausa “com empenho intenso a história educação na Europa” e escreveu sobre isso ao Conde Yorck: “Eu me aproximo de uma teoria pedagógica e imagino um grande ensaio sobre suas perguntas ardentes.” (B, 41) Em verdade, Dilthey considerava esses trabalhos do *Sistema da pedagogia em fundamentos* primeiramente como “exemplo de tratamento de uma ciência humana particular”, que pertencia ao grande quadro de uma teoria do conhecimento e do método das ciências humanas. (B, 48) Mas ele dizia na elaboração da “monstruosa matéria”, “estar cada vez mais se aproximando do ponto, no qual ele rompe, através das categorias até agora usadas para entendimento dos fenômenos históricos da vida espiritual, e alcançava à liberdade e à abertura [...]”. (B, 47). Em dezembro de 1885, ele comunicava a Yorck: “No dia 28, apresentarei na Sociedade de Ciências Políticas uma palestra: As questões da educação do presente e a ciência pedagógica.” (B, 54) Entretanto, a prometida redação veio a ter lugar apenas mais tarde, no verão de 1888, quando Dilthey novamente escreveu “sobre o panorama da pedagogia” e, na verdade, na forma de uma palestra para a Academia Berlinesa de 19/07/1888 com o título *Sobre a possibilidade de uma ciência pedagógica universalmente válida*.

Dilthey sumia ocasionalmente no “trem da tarde” para Breslau, nas épocas nas quais não havia preleções, da “atmosfera berlinesa magra e árida”, como Yorck descrevia o clima científico da capital. No castelo Klein-Oels, ele buscava reencontrar “o sossego pacífico da sala de visitas amarela” que ele precisava para o avanço do segundo volume de sua obra principal, a *Introdução às ciências humanas*. (B, 40). Entretanto, seu otimismo para concluir logo esse volume naquela época não era muito grande: “Mas, quando eu comparo a meta do segundo volume com os poucos

passos que percorri, então eu tenho absolutamente poucas esperanças sobre ela. ” (B, 38)

Conversas ocasionais com Hermann Ebbinghaus, que se relacionavam “à ambientação da filosofia, à psicologia experimental”, com Eduardo Zeller “sobre a Escola de Tübingen”, com Hermann Helmholtz “sobre pontos de divergência da teoria da percepção”, puderam satisfazer apenas parcialmente a “incontrolável vontade por conversas filosóficas” do filósofo *more solito* vivente. (B, 46 f.)

Na primavera de 1886, Dilthey permaneceu em Biebrich no Reno, onde ele ditou um “pequeno livro sobre a capacidade de imaginação do poeta”. (B, 54 f.). Em 02 de agosto do mesmo ano, ele proferiu um discurso em comemoração ao dia do estabelecimento da fundação educacional da instituição médico-militar, sob o título *Capacidade de imaginação poética e delírio*. Desse encargo, nasceu “um ensaio sobre poética”, que ele publicou, em 1887, com o título de *A produção do poeta* como contribuição para o *Festschrift Redações filosóficas. Dedicadas ao 70º aniversário de Eduard Zeller*. Logo após essa publicação, ele assumiu o plano de livrar essas redações “de sua prisão da coleção de Zeller” e, a partir delas, fazer um livro.¹⁶ Somente após a publicação de sua redação sobre *As três épocas da estética moderna e sua tarefa hoje*, no de 1892, Dilthey tomou novamente a ofensiva no projeto desse livro, cujo título deveria ser: *Poética. Tentativa de uma utilização do método antropológico e comparativo sobre o material da história da literatura*. (cf. VI, 307 f.). Ainda nos anos 1907/1908, ele fez um novo plano para esse livro, sob o título de *Panorama da poética* e apontamentos de fragmentos isolados sobre ele. (cf. VI, 308 ff.). Sob o título de *A capacidade de imaginação poética do poeta. Contribuições para uma poética*, esse trabalho foi publicado nas *Obras reunidas*.

225

Uma mudança significativa nas atitudes pessoal e científica de Dilthey realizou-se no ano de 1887. Na primavera, ele fechou com Hermann Diels, Benno Erdmann e Eduard Zeller o acordo de fundar um periódico sobre história da filosofia: o competente *Arquivo de história da filosofia* editado em parceria com os fundadores de Ludwig Stein. Até 1894 foram publicadas ao todo seis edições anuais. A partir de 1895, o periódico fundiu-se com o *Arquivo de filosofia sistemática*, fundado por Paul Natorp, formando o *Arquivo de filosofia*; até o ano de 1910, Dilthey atuava como co-editor.¹⁷

Em 30 de junho de 1887, Dilthey proferiu seu discurso de ingresso – no mesmo dia de Gustav Schmoller – na Academia Real Prussiana de Ciências de Berlim: “nós falamos com consciência orgulhosa sobre as ciências humanas – um novo timbre na academia da última época. ” (B, 67) O discurso de ingresso foi replicado por Ernst Curtius.

¹⁶ Carta a H. Usener, provavelmente do final de 1887; cf. H.-U. Lessing: *A ideia de uma crítica da razão histórica. Fundamentação epistemológico-lógico-metodológica das ciências humanas de Wilhelm Dilthey*. Freiburg/München 1984, 117.

¹⁷ Cf. *ibid*, 117 e 328.

Com o *Arquivo* e as *Minutas* da Academia de Berlim, Dilthey tinha agora à disposição dois órgãos de publicação para seus próprios trabalhos científicos. Dilthey confessou ao seu cunhado Hermann Usener, pelo fim do ano de 1887, que ele não conseguiria atingir rapidamente a meta proposta de uma continuação da *Introdução às ciências humanas*: “Essas uvas estão simplesmente muito altas.”¹⁸ Quando ele se abriu também ao Conde Yorck sobre o “mal-estar estético” que o preparo do planejado segundo volume e, antes de tudo, seu “resíduo histórico” causavam-no, recebeu um conselho sobre isso: “Não assuma nenhum prazo determinado para a conclusão do segundo volume, mas sim obtenha o bem-estar do trabalho.” (B, 68 e 70) Dilthey dirigiu ao *Arquivo*, nos anos consecutivos, uma grande quantidade de ensaios, edições e críticas literárias e publicou nas *Minutas* e *Tratados* da Academia Berlinense fragmentos de seu sistemático interesse principal de uma fundamentação epistemológica das ciências humanas.

Dilthey tomava parte cada vez maior também na vida cultural da capital. Ele foi co-fundador da *Sociedade berlinense de literatura alemã*, na qual ele proferiu em 16 de janeiro de 1889 a importante palestra *Arquivo de literatura em seu significado para o estudo da história da filosofia*. No início de 1890, com Karl Weinhold e Erich Schmidt, ele foi escolhido pelo comitê da comissão Schiller e, na ocasião, não se omitiu em fazer valer sua “influência na premiação Schiller”. (B, 92 e 152) Enquanto agora, “ainda no mesmo ano”, a “questão da reforma escolar” flamejava (B, 111), Dilthey quis, nos anos seguintes, não apenas quis levar seu amigo Yorck, através de um “escrito sobre educação”, a interferir nessa questão (B, 134); ele mesmo mantinha conversas intensas “com as mais diferentes pessoas do ministério da cultura e da assembleia legislativa”. (B, 139) Ele não publicou o próprio artigo sobre *Reforma escolar e sala de aula*, pensado para impressão pelo *Berliner Nationalzeitung*. (cf. B, 115)

Meados de 1890, Dilthey achava-se em uma “confusão de trabalhos de todos os tipos”: “teses de doutorado, requerimentos de habilitação, trabalhos entregues dos alunos. Semanalmente, dez horas de cursos, reuniões duas vezes por semana paralelamente a isso. A cada catorze dias, meia-dúzia de teses. Junto a isso tudo, um novo curso” (B, 105): a “preleção de verão de duas horas sobre ética”, para a qual ele preparou um grande plano – conscientemente como “conclusão de meu pensamento sistemático.” (B, 90) Para a *Allgemeine Deutsche Biographie*, ele elaborou um adendo a Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher “estritamente com a fonte”. “Meu ponto de vista sobre o sistema e o significado de Schleiermacher está aí pelo menos como numa casca de noz.” (B, 89)

Em 1 de maio de 1890, ele apresentou uma palestra na Academia Berlinense, que ele desenvolveu durante o verão em um ensaio chamado *Adendos à solução da pergunta pela origem de nossa crença na realidade do mundo exterior e seu direto* e publicou

¹⁸ Cf. *ibid*, 118.

nas *Minutas* como uma “parte do segundo volume”. Ele noticiou o Conde Yorck: “Apenas terminando e imprimindo um por um, conseguindo avançar.” (B, 106)

Nos anos de 1891 a 1893, Dilthey publicou nos *Arquivos sobre história da filosofia*, uma série de ensaios, que pertencem ao contexto da parte histórica do segundo volume da *Introdução: Visão e análise do homem nos séculos XV e XVI, O sistema natural das ciências humanas no século XVII, A autonomia do pensamento, o racionalismo construtivista e do monismo panteísta segundo seu contexto no século XVII* e, finalmente, *Giordano Bruno e Spinoza. Primeiro artigo*. Esses ensaios de “antropologia” e de “história das ciências humanas”, que foi realizado com uma base de fontes mais ampla, fundamentavam e confirmavam a reputação de Dilthey como historiador da filosofia. Todavia, ele mesmo prezava o valor dessas publicações individuais com muita ressalva: “Enquanto escrevo, penso que isso teve mais força do que qualquer outra coisa que já tenha escrito. Porém, pode ser que haja engano sobre isso.” (B, 121) “Nas horas de lazer”, ele se dedicava além disso aos “complementos aos meus ensaios sobre poetas e poesia”, “a partir dos quais uma poética tem que surgir” e pedia ao irmão de Yorck, Peter Yorck, que lhe fizesse um favor, “examinar meu artigo sobre Lessing (Anuário Prussiano de 1867), Novalis, leitura sobre Goethe de Grimm no periódico sobre psicologia dos povos de 1877, e dizer onde ele gostaria que houvesse melhoramentos e complementos.” (B, 116) O desejo de republicar¹⁹ seus “ensaios estéticos” apenas foi satisfeito com a publicação de *A vivência e a poesia* em 1906.

227

Durante a viagem do conde Yorck para a Itália na primavera de 1891, na qual seu amigo gostaria de tê-lo acompanhado, Dilthey permaneceu na chuvosa Biebrich, e noticiava-o de que “havia escrito uma boa porção de um tratado sobre método e os resultados de hoje da estética, que será lida dentro de oito dias na academia; depois [faltará] retrabalhar algumas coisas. Eu avanço suavemente contra o culto ao método fechneriano [...]” (B, 123) Em 30 de abril de 1891, ele falou na academia “sobre o valor de diferentes métodos na estética”. Dilthey publicou a elaboração dessa palestra em 1892 sob o título de *As três épocas da estética moderna e sua tarefa hoje* no *Deutsche Rundschau*. Em seguida a essas publicações, Dilthey trabalhou na modificação de seus ensaios sobre poética de 1887 e conservou, ao mesmo tempo, o pensamento de que esse ensaio de estética poderia acabar em “uma parte do terceiro” volume da *Introdução às ciências humanas* dedicado à teoria do método das ciências humanas. (B, 123)

Pelo final do “inverno arrepiante” de ano de 1891 – “Sobre Berlim pairam neblina, chuva, escuridão, pessimismo, influenza, efeitos colaterais psíquicos, um ministério acéfalo enegrecido” – Dilthey percebia grande cansaço. (B, 135 e 132) “O que conclusão quer dizer, na filosofia há de se contestar tanto, quão difícil e através de quais grandes esforços ela é alcançada a partir dos nossos pontos de vista, e que pode ser tão pouco usado pelos trabalhos de hoje, o sabe apenas quem o tenta

¹⁹ Carta a E. Reimer de 28/02/1890; cf. H.-U. Lessing, a. a. O., 18.

ambiciosamente. " (B, 139) Enquanto ele ainda se ocupava com a "continuação com a secção histórica" do segundo volume, Dilthey pretendia, durante as férias, "após tão longas reflexões, elaborar as linhas mestres de uma lógica epistemológica, e consequentemente, alguns dos principais capítulos do segundo volume e submeter à Academia Berlinesse no fim de abril". (Ibid.). Entretanto, essa palestra, apresentada em 28 de abril de 1892 na Academia Berlinesse, com o título de *Experiência e pensamento. Um estudo sobre lógica epistemológica do século XIX* - o assim chamado "tratado-amicus" - não foi publicada por Dilthey. Ao invés, ele planejava, na primavera de 1893, levar ao prelo suas redações histórico-literárias: "Elas devem terminar com uma redação sobre a poesia contemporânea, que siga uma sobre Dickens e o romance inglês; de outro modo, o livro careceria de atualidade." (B, 139 f.) Enquanto isso, Dilthey mergulhava de volta ao "sub-mundo" de suas redações histórico-filosóficas prometidas ao *Arquivo*. (B, 147). As estadias em Sankt Moritz, Rigi-Scheidegg e Karlsbad não produziram o tão esperado descanso do trabalho. (cf. B, 150 e 159)

Dilthey esperava uma rápida mudança da sua *situação pessoal* na faculdade berlinesse por conta da convocação de Carl Stumpfs, sobre a qual ele tivera alguma influência e da nomeação de Friedrich Paulsens como professor. (cf. B. 165) No fim de 1893, ele trabalhou sobre um "ensaio sobre Süvern para Biografia [Geral Alemã]"; ele tomou para si um tão longo período de tempo para ampliar esse ensaio, "que dela surgiu uma curta apresentação da forma de aula de 1810 e dos seguintes anos, enquanto antítese das práticas sem planejamento de hoje [...] Eu a dedicaria a Zeller pelo seu aniversário de 80 anos." (B, 170 f.) Mas Dilthey mudou logo em seguida seus planos mais uma vez: no final de dezembro de 1893, ele escreveu um pequeno tratado sobre os "Estudos de Goethe sobre Spinoza" para o aniversário de 80 anos de Zeller (em 22 de janeiro de 1894). (cf. B, 171) Ele surgiu no mesmo movimento do seu trabalho sobre *Giordano Bruno como filósofo da Renascença e sua relação com Spinoza*, sobre o qual Dilthey prometeu bastante. Esse tratado com o título *Da época dos estudos de Goethe sobre Spinoza* foi publicado em 1894 no *Arquivo*. Nesse trabalho, foi parcialmente incluída a redação *Sobre a filosofia da natureza de Goethe*, já publicada no ano de 1889 no *Arquivo*. À redação sobre *G. Bruno e Spinoza*, publicada em 1893 no *Arquivo* como "primeiro artigo", juntavam-se investigações preliminares sobre Shaftesbury. Ainda nos anos 1902/03, Dilthey envolveu-se com pré-planejamentos sobre uma exposição unificada de Shaftesbury que, entretanto, não chegou à conclusão. (cf. II, 522)

Nos últimos meses do ano de 1893, Dilthey achava-se "num mar de trabalho". "Por um mês inteiro, refleti sobre o problema de uma edição monumental de Kant, para a qual eu compus agora um plano bem específico de 12 folhas escritas. Ela seguramente acontecerá, uma coisa que me enche de grande satisfação: a ressurreição do Kant dos anos da metade de sua vida." (B, 170). No fim de dezembro, ele escreveu

a Yorck: “O plano da edição crítica de Kant – um equivalente à de Goethe, mas de uma fertilidade muito diferente, como eu espero, foi confiada por mim ao ministério em um livro de memórias, foi aprovada e sua execução está assegurada. Com isso, vem também o longo, longo trabalho da filologia de Kant à sua determinação verdadeira e rentável e à sua utilização conclusiva.” (B, 172) Com o plano de uma extensa edição de Kant, cuja proposta Dilthey, junto a Weinhold e Zeller, preparou na academia em 21 de junho de 1894 e que foi então aprovada em 18 de outubro do mesmo ano na sessão do plenário, ele assumiu o papel de um “*spiritus rector*” de um projeto de edição representativo da academia de Berlim.²⁰ Essa iniciativa tomada por ele foi o fruto de reflexões e planos de longos anos. Desde que ele, já no ano de 1889 pleiteara a criação de grandes arquivos estatais de literatura, nos quais reunir e conservar-se-iam as obras póstumas manuscritas de todos os autores significativos da vida cultural, além de possibilitar a pesquisa, voltara-se ele nos anos seguintes para o destino das obras deixadas por Kant, que estavam dispersas, por conta de doações, vendas e outras casualidades pelas mais diversas localidades. Em uma série de redações, que ele publicou por meio do *Arquivo*, Dilthey lidava insistentemente com os manuscritos de Kant em Rostock e tratava dos manuscritos das pesquisas de R. Reicke de Königsberg.²¹ Dilthey considerava uma edição conclusiva de Kant como uma questão de honra da Academia de Berlim e dava um significado “national” ao todo do projeto da edição.²² Ele fazia alusão cuidadosamente ao ministério como “os pontos de vista”, os quais “poderiam ser apropriado a despertar o interesse para o empreendimento do imperador”.²³

229

Mas foi de um peso decisivo a fundamentação filosófica de Dilthey para esse projeto de edição. No prefácio de dez páginas, que ele em 1902 colocou à frente da seção *Obras* e, conseqüentemente, no início da edição como um todo, foi colocado da forma mais clara: “A história do desenvolvimento dos grandes pensadores ilumina seus sistemas, e ela é o embasamento indispensável para a compreensão da história do espírito humano. [...] Em especial a história do pensamento filosófico pode apreender, apenas por meio desse método, o contexto no qual seus caracteres individuais estão conectados entre si e com a maior profundidade de nossa essência.”²⁴ A organização concreta da edição crítica de Kant significava para Dilthey, que, ao fim de 1893, encontrava-se no ponto alto de sua influência e sua sede de empreender, entretanto, uma grande carga de trabalho. Suas conseqüências fizeram-se gradativamente perceptíveis.

²⁰ Cf. F. Rodi: Dilthey e a edição de Kant da Academia Prussiana de Ciências, em: do mesmo: O todo estruturado, loc. cit., 161.

²¹ Cf. ibidem, 154.

²² Carta a H. V. Treitschke de 28/01/1896; cf. F. Rodi, loc. cit, 155.

²³ Carta a F. Althoff de 30/11/1893; cf. F. Rodi, ibidem.

²⁴ W. Dilthey: prefácio a: Escritos reunidos de Kant. Publicado pela Academia Real Prussiana de Ciências. Volume I. Berlim 1902, VIII.

Em 22 de fevereiro e em 07 de junho de 1894, Dilthey apresentou duas conferências na academia, que ele elaborou no mesmo ano, colocou sob o título de *Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica* e publicou nas *Minutas*. Em uma sessão seguinte, em 25 de abril de 1895, ele compartilhou os primeiros resultados dos avanços de seus estudos sobre uma “psicologia comparativa”. (B, 181) De Bad Kreuth, em setembro de 1895, ele anunciava um outro grande trabalho sobre “Schiller” (B, 187); lá, ele escreveu, além disso “sobre a psicologia comparativa”, cujo avanço ele esquematizou durante sua estadia em Brixen. “Eu quero, assim que eles se concluírem, reunir esses tratados como: psicologia comparativa, um artigo sobre o estudo da história, literatura e ciências humanas, para que elas [...] possam vir como um escrito de aproximadamente uma dúzia de folhas.” (B, 189). Nesses dias cheios de trabalho, Dilthey propunha-se a finalmente colocar em prática o plano há muito desejado e, logo após sua volta a Berlim para o próximo inverno, requisitar férias mais longas. Neste sentido, ele projetou um requerimento de férias, que ele comentava com Friedrich Althogg, o chefe de departamento de pessoal do Ministério da Educação em 15/09/1985: “A execução de uma operação tão árdua como a da síntese de meus trabalhos preliminares que enchem uma estante inteira de manuscritos ficará a cada ano mais difícil e, interiormente, parece-me muito impossível abandonar tudo sem uso e, assim, perder o trabalho extremamente fatigante de uma vida. Apenas me será possível ter sucesso com uma tal pretensão na mais profunda paz do avançar dos anos.”²⁵ Essa paz, entretanto, nunca lhe foi concedida.

Já no fim de 1893, enquanto Dilthey projetava o plano da edição crítica de Kant, faziam-se perceptíveis os primeiros sinais de uma alteração emocional: “O trabalho me está sendo difícil.” (B, 172) Dilthey encontrava-se “profundamente imerso numa maré escura”. (B, 173) Ele recebeu a grande cerimônia da morte do por ele muito admirado Helmholtz, no fim de 1894, não sem um tom trágico. (cf. B, 176) Também a notícia da inesperada súbita morte do “dedicado e admirado” irmão do Conde Paul Yorck, o Conde Peter York de Schleibitz, em setembro de 1895, o “consternou profundamente”. (B, 187) Apenas provisoriamente ele pôde, em meados de 1895, dar relatos de um “vento fresco nas velas” da edição de Kant, sobre a qual ele discutira minuciosamente em Halle com Benno Erdmann e Hans Vaihinger. (B, 186)²⁶ Isso fez surgir o sentimento de “uma existência estilhaçada, que, entretanto, é justamente condicionada pelas circunstâncias.” (B, 182) Que o tratado elaborado em Bad Kreuth sobre *Psicologia comparativa* forneceria a “nova pedra fundamental do avanço do livro”, do segundo volume da *Introdução às ciências humanas*, anunciado há 12 anos – essa esperança desapareceu, quando Dilthey lembrou que o tratado estava “grande demais” e ele teve que pôr de lado uma parte dele. (B, 188 f.)

²⁵ G. Misch: Nota prévia do editor, in: W. Dilthey: Obras reunidas, volume V, CXVII e 439.

²⁶ Cf. F. Rodi, loc. cit., 163 f.

Em outubro de 1895, o proeminente psicólogo e estimado parceiro de conversas de Dilthey, Hermann Ebbinghaus (1850-1909), publicou, no renomado *Zeitschrift für Psychologie und Physiologie der Sinnersorgane*, uma grande recensão crítica sobre o *Ideias: Sobre psicologia descritiva e analítica*. Dilthey não esperava por uma tal resposta extremamente polêmica, feita ao seu pedido de uma crítica construtiva aos tratados por ele publicados nas *Minutas*. Ebbinghaus fundamentou o seu procedimento detalhadamente em uma carta de 27 de outubro de 1895. Naqueles primeiros dias de novembro, Dilthey esforçou-se, em meditação junto ao Conde Yorck, por “responder-lhe propriamente”. (B, 195 ff. e 199) Ao mesmo tempo, anunciava ele sobre “a operação urgente da edição-Kant”, que o “fatigava do mesmo modo particularmente agora”. (B, 199) Por isso, Vaihinger colocou Dilthey a par de seu plano de fundamentação dos *Estudos-Kant* e, em consequência disso, de sua renúncia às edições críticas de Kant.²⁷ Apesar de Yorck “revigorar[-lhe] a coragem”, “que precisa guardar, quando a unidade de toda a obra de sua vida mantém diante de seus olhos um ataque particular, espiritual, inferior” (B, 200), houve um rasgo profundo na vida de Dilthey. Ele escreve na Villa Hohenstein, em Merano, em janeiro de 1896: “[...] por longo, longo período terei que dedicar-me massivamente ao trabalho [...]” (B, 204) Ele limitou sua resposta ao ataque de Ebbinghaus a uma nota nos *Artigos ao estudo da individualidade*, lançada reduzidamente em 12 de março de 1896. Dilthey recusou a oferta feita por Theodor Lipps, de apresentar, no congresso de psicologia realizado Munique, no outono de 1896, o seu “ponto de vista psicológico”. (B, 210)²⁸

No início de maio de 1896, Dilthey retomou os trabalhos abandonados acerca da biografia de Schleiermacher e apresentou na academia, em 25 de junho de 1896, uma palestra sobre *Hermenêutica. Primeira metade*. Ainda antes de sua partida a Merano, lançou, entretanto, as “circulares”, nas quais ele solicitava publicamente a bibliotecas, arquivos e colecionadores de autógrafos que notificassem a academia de materiais de qualquer tipo e manuscritos de Kant, que estivessem ainda inacessíveis.²⁹ De Merano, Dilthey esforçava-se via correspondências pela realização do contrato com Erich Adickes, que teria que ser ganho, após a renúncia de Vaihingers. Quando também nesses primeiros meses do ano de 1896 “[seu] esforço estava novamente sob pressão na medida certa pelo pensamento sobre tudo o que ficou inacabado e agora ficava parcialmente inacabável”, então ele não se omitiu de cuidar “das tarefas mais necessárias com Kant”. (B, 208) Na ocasião de uma requisitada auto-apresentação para o *Fundamentos* de Ueberweg, Dilthey transitoriamente ainda pensava em fundamentar “seu posicionamento psicológico” em uma redação e redigiu “um esboço detalhado” nesse intuito (B, 219)³⁰, mas

²⁷ Cf. F. Rodi, loc. cit., 164.

²⁸ Cf. H.-U. Lessing, loc. cit., 123 f.

²⁹ Cf. F. Rodi, loc. cit., 167.

³⁰ Cf. F. Rodi, loc. cit., 169.

rejeitou essa ideia e colocou-se de volta por quase uma década nos seus estudos sobre Schleiermacher.

Dilthey tinha em mente o destino dos planejados segundo e terceiro volumes da *Introdução às ciências humanas* e colocava-o nos *Manuscritos fundamentais da introdução*, que seu aluno e genro (desde 1909), Georg Misch, nomeou mais tarde, como “última apresentação da ‘Introdução às ciências humanas’ da época de Berlim”. O período provável de redação desses assim chamados “projetos berlinenses” é estimado do outono de 1893.

No verão de 1894, Dilthey iniciou o novo ciclo de preleções *História da filosofia moderna* (semestres de verão de 1894-1899), que concluía com *Seminários sobre a filosofia moderna (sem tematização)* (semestres de verão de 1895 e 1896, semestre de inverno de 1894/95, 1895/96 e 1898/99). Ao fim de maio de 1896, Dilthey pôde contar ao seu amigo Yorck que suas preleções exigiam “menos preparação agora” e eram-lhe “agradáveis”. (B, 214) Além disso, ele dava notícias sobre os “trabalhos de preparação a Kant, que finalmente decolavam e logo tornar-se-ão menos perceptíveis, para o qual eu também tenho um bom secretário [...]” (Ibid.)

Os meses de maio e julho do ano de 1896 são marcados pelas mortes de Heinrich von Treitschke e Ernst Curtius. (cf. B, 212 e 221) No verão, Dilthey apresentou “seguramente o maior curso de filosofia” – e teve também no semestre de inverno de 1896/97 “cerca de 180 participantes” (B, 227), que dispunham de “real entusiasmo” nas suas preleções. (cf. B, 228) Apesar de ele novamente ter sido atormentado por uma lesão ocular e se “sobrecarregado na competição de preleções, burocracias e trabalhos próprios”, Dilthey declarou que ele agora, “começava a escrever sobre Schleiermacher”. (B, 228 f.)

Em 12 de janeiro de 1897, no quinquagésimo ano da tomada de posse de Eduard Zeller como professor em Bern, Dilthey escreveu uma apresentação dos *Anos da juventude de E. Zeller*, que foi publicada em fevereiro de 1897 no *Deutschen Rundschau*. (cf. IV, 449) Após ter lido na academia o tratado *Sobre a hermenêutica de Baumgarten e Semler*, em 4 de fevereiro de 1897, Dilthey viajou, na primavera de 1897, por Gries até Waidbruck e permaneceu, após, em Brixen. Durante a viagem de volta, encontrou-se com Christoph Sigwart em Tübingen. (cf. B, 237) O encontro curto trouxe-lhe à memória seu pleito à Tübingen (outono de 1877): “Como eu gostaria”, assim escreveu Dilthey sobre sua visita a Sigwart. “[...] de ter passado a minha vida na sombra da cumeeira e do mosteiro. [...] Foi para mim um sentimento próprio o modo como ele estava parado ali na estação, já bem curvado, com sua cabeça de pensamentos pesados e deles cansados.” (B, 242)

Durante o início do verão de 1897, ele se aprofundou “bastante na preparação da história do desenvolvimento de Schleiermacher”: “um tipo de fenomenologia dessa especulação muito monística, fundada no desenvolvimento do pensamento, flutuava à minha frente, mas apenas de longe e indeterminadamente.” (B, 239 f.)

Nesse verão do ano de 1897, Dilthey viveu afastado diariamente de qualquer consultório ou auditório [...] na verdade, na mais profunda solidão, [...] o dia inteiro ocupado com as imagens da biografia de Schleiermacher". (B, 241) Por diversas vezes, ele visitou a exposição em Berlim do pintor Conde Leopold von Kalckreuth, o genro do Conde Yorck.³¹ Fascinava-o em especial o quadro *Entrada na vida* "através da profunda coloração, a emersão plástica das figuras no plano de fundo claro e iluminado". (B, 241)

Em meados de 1897, a família Dilthey viajou para Oberstdorf no Allgäu e terminou sua estadia em Lindau. Dilthey preparou-se "para continuar a trabalhar sobre a apresentação do sistema de Schleiermacher e a concomitante reunião de sua história do desenvolvimento e sobre a crítica". (B, 245) Depois que ele enfrentou minuciosamente o "capítulo sobre Platão" da biografia de Schleiermacher, ocupou-se da redação "de alguns capítulos da dialética". Dilthey esforçou-se para elaborar sua unidade com Schleiermacher "no ponto de partida", mas também seus "pontos de diferença" de conteúdo nos pressupostos do sistema de Schleiermacher. (B, 247 f.) De Oberstdorf, ele escreveu cheio de preocupação, no início de agosto, ao seu amigo gravemente doente do coração.³² O Conde Yorck von Wartenburg morreu em 12 de setembro.³³ Em 17 de setembro, Dilthey revelou ao Conde Heinrich Yorck o que a amizade de longos anos com seu pai significou para ele: "O que posso falar de mim? Há quase um quarto de século, vivi com seu caro pai na mais íntima amizade de todas as ideias. Ele foi a maior e mais genial natureza com a qual eu me deparei, exceto por Helmholtz, mas mais pesava a imponência de sua personalidade. A tudo aquilo que ele tocava, ele dava nobreza, beleza e lustre, quando ele aparecia, era como o nascer do sol. Eu ainda não consigo me localizar, parece-me que nada filosófico me excitará no futuro com o velho interesse, pois eu não poderei mais dividi-lo com *ele*. Que valor poderei ter para mim, que eu ainda possa escrever, já que eu, a partir de agora, nunca mais escutarei seu aconselhamento, suas objeções, seus julgamentos. Atormentado como estou, sinto como se todo o resto se cobrisse apenas em profundas sombras."³⁴ Dilthey, apesar de todos os convites do Conde Heinrich Yorck, com quem Dilthey certamente também se via conectado em amizade, nunca mais voltou a Klein-Oels.³⁵

Dilthey apresentou resultados parciais de sua biografia de Schleiermacher na Academia de Berlim em 1898. Em 06/01/1898, falou *Sobre o Platão de Schleiermacher* e, em 03/03/1898, sobre *A convocação de Schleiermacher à Universidade de Halle*. Nesses trabalhos para o avanço da biografia sobre Schleiermacher, seus exercícios sobre a

³¹ Cf. K. Gründer: Zur Philosophie des Grafen Paul Yorck von Wartenburg. Aspekte und neue Quellen. Göttingen 1970, 55.

³² Carta ao Conde Yorck de 10/08/1897, in: K. Gründer, loc. cit., 362 f.

³³ Ibid., 106.

³⁴ Carta ao Conde Heinrich Yorck, de 17/09/1897, in: K. Gründer, loc. cit. 53.

³⁵ Carta ao Conde Heinrich Yorck, de 09/08/1898, in: K. Gründer, loc. cit. 52, nota 33.

ética e a dialética de Schleiermacher se ligavam de modo imediato. Nos *Arquivos*, Dilthey continuava com os *Anuário sobre a filosofia após Kant*. Nesses anos, acumulavam-se em novos e importantes pontos focais, oportunidades de trabalho discretas, surgidas apenas em determinadas ocasiões. Assim surgia de um *Anuário*, o qual Dilthey publicou³⁶, junto a seus alunos Heubaum e Schmekel, o importante – concebido primeiramente *in nuce* durante um verão em Rheinberger no ano de 1898³⁷ – tratado *As três formas fundamentais dos sistemas na primeira metade do século XIX*. Dilthey trazia agora a consciência histórica para a filosofia do século XIX. “Não se trata de uma construção.” A pergunta “diz respeito [...] a um agrupamento natural dos sistemas filosóficos do século XIX.” “Para o agrupamento, o parentesco por meio do qual o pensador mesmo sinte-se conectado de modo recíproco, tem que ser decisivo.” (cf. IV, 532 e 546) Tais “tipos de toda uma visão de mundo” formavam, segundo Dilthey, “grandes grupos” na filosofia do século XIX. Ele separava o materialismo, o idealismo objetivo e o idealismo da liberdade ou da subjetividade um do outro como “formas” históricas. Essa teoria dos tipos de visões de mundo filosóficas, para a qual ele proferiu, em 20/07/1899, em uma conferência na Academia de Berlim uma contribuição adicional, *Ideias para uma teoria da formação e classificação dos sistemas filosóficos*, deveria mantê-lo intensamente ocupado nos anos seguintes. Orbitava em torno do idealismo objetivo também o *Anuário sobre a filosofia após Kant*, que foi publicado nos *Arquivos* em 1899 e no qual Dilthey referenciava representações do sistema schellingiano a Kuno Fischer e Eduard von Hartmanns. No ano de 1900, Dilthey levou a público, no *Jornal alemão de literatura*, uma grande e na época famosa recensão do livro de K. Fischer sobre Hegel (*Vida, obra e teoria de Hegel*. Heidelberg 1898/99). Nessa recensão, Dilthey desdobrava primeiro em alguns “esclarecimentos” a pergunta histórica, com a qual ele se deveria ocupar-se nos anos vindouros. Elas diziam respeito aos escritos teológicos do jovem Hegel, à “influência colaborativa” dos *Discursos sobre a religião* de Schleiermacher, à formação do “panteísmo fundamentado na filosofia da natureza” de Hegel, à transformação do ideal de juventude “para a forma de reflexão em um sistema”, bem como, finalmente, o significado ainda não decidido dos fragmentos manuscritos do *Sistema da moralidade*. (XV, 353 f.) Dilthey dedicou, ainda no mesmo ano, uma contribuição extensa, que ele lançou pelo *Arquivo* em duas remessas, ao panteísmo de desenvolvimento histórico em seu contexto histórico com os antigos sistemas panteístas, e publicou nos escritos em comemoração ao aniversário de 70 anos de Christoph Sigwart a elaboração de suas conferências na Academia de Berlim inéditas sobre hermenêutica, sob o título *O surgimento da hermenêutica*. Nesses pontos de conexão: teoria das concepções de mundo, investigação do sistema hegeliano e

³⁶ Cf. a nota a W. Dilthey: Obras reunidas, volume IV, 578.

³⁷ Cf. G. Misch: Prefácio, in: W. Dilthey: Obras reunidas, volume II, VIII.

hermenêutica, organizava-se o mundo de pensamento de Dilthey do começo do século.

Com o semestre de verão de 1900 – na verdade, já antes, no ano de 1898 – Dilthey começou a nova série de preleções *Bases do sistema da filosofia*, que ele leu em dado momento, no verão de 1906, e, no inverno, a *História da filosofia moderna* foi regularmente objeto de seu curso. Georg Misch relata muito vividamente quais os efeitos que dele resultaram-se nesse ano: “Dilthey não era nenhum orador. Mesmo quando ele, nos últimos anos, lia no auditório maior, nada mudava. Quando ele aparecia na cátedra com seu semblante sem destaques e diminuto e começava a falar a partir de seu caderno com voz leve e suave, que tinha que ser sacrificada ao extremo para preencher todo o espaço, aquilo não tinha nada de emocionante. Mas logo estava a própria atmosfera, algo como uma prece numa tranquilidade silenciosa, o eco da intensidade de sua palavra, que agora não parecia ser meramente sua palavra, mas o soar da coisa espiritual em si, que ele trazia à fala. [...] Ele não chegava a ler com voz baixa aparentemente impassível o caderno do curso, que ficava à mão, como Nietzsche, mas recitava. Parado. Inafetado, mas não sem afeto. Em seu afeto, aumentava sua voz até o limite, onde ela facilmente poderia ter falhado. [...] O gesto um tanto desajeitado, sempre o mesmo, martelando estranhamente com os dedos das mãos sobrepostas. [...] Ele não fazia nenhuma pausa dramática, para fazer-se alongar. Entretanto, no clímax, vinham os grandes momentos de clareza. [...] Ainda por último, ele demonstrou a ideia excitante sobre os tipos de concepções de mundo, em cujo processo de formação ele se compreendia, em um novo curso, tendo precisado dela para a maturidade. Ele conseguiu manter ano a ano a grande preleção histórico-filosófica em Berlim no longo semestre de inverno; mas precisava-se participar dela várias vezes, para apreendê-la. A concentração durante a viagem de carruagem confortavelmente lenta, que o trazia de seu apartamento no Tiergarten³⁸ até a universidade, eram-no suficientes para a preparação. As primeiras horas eram mesmo sempre novas e frescas: elas remontavam a relação relevante até o apelo imediato aos estudantes. [...] Volta e meia, Dilthey dava exercícios nos seminários. [...] No entanto apenas aqueles mais confiantes se aventuravam lá, e até eles ficavam com um pé atrás por vergonha, de modo que quase não chegasse a uma verdadeira discussão. Ao invés disso, os momentos inesquecíveis, que ele mesmo, parado no corredor do pequeno auditório, intervinha na exposição oral hesitante e, de improviso, discorria livremente e com abundância sobre os grandes contextos.”³⁹ Ainda em 1905, foi publicada a sexta edição dos seus *Fundamentos literário-filosóficos da história geral da filosofia*. “Mas que esforço”, tal como Misch escreveu, “havia nos ‘Fundamentos literário-biográficos’ para uma preleção disponibilizada aos alunos! Um verdadeiro livro, nas cem páginas em pequeno formato, com todo o aparato

³⁸ Nome de um bairro na cidade de Berlim. (N. do T.)

³⁹ G. Misch: Wilhelm Dilthey como professor e pesquisador, in: do mesmo: Do círculo de vida e do círculo de pensamentos de Wilhelm Dilthey. Frankfurt a. M. 1947, 53-55.

teórico, a partir do qual ele livremente fazia a preleção. E quão cuidadosamente ele ainda se preparava a toda vez, quando ele já não era mais um jovem docente e já tinha um caderno de cursos elaborado. Ele não confiava na improvisação.”⁴⁰ Apenas “com a chegada do 70º ano de vida”, Dilthey tomou a decisão de “desistir da atividade com as preleções, para viver todo o seu trabalho livremente como no passado, em sua juventude”.⁴¹ Seus últimos seminários foram dados no semestre de inverno de 1907/08.

As conferências *Sobre relação e contexto das ideias de Schleiermacher sobre cultura e estado* de 05/06/1900, *A teoria do estado de Schleiermacher* de 06/06/1901 e *Sobre a estética de Schleiermacher e sua relação com a teoria da arte dos acontecimentos e dos contemporâneos*, de 30/01/1902, apresentadas na Academia de Berlim, testemunham o avanço de seus trabalhos no tão esperado término da biografia de Schleiermacher. No começo de 1900, ergueu-se então, paralelamente à biografia de Schleiermacher e ao projeto de uma “crítica da razão histórica”, um “terceiro meio” de sua pesquisa histórica geral incessante: “a história do espírito alemão”.⁴² Os planos para essa grande obra histórica, que seus alunos mais íntimos viram crescer na última década de sua vida, foram concebidos por Dilthey, pela primeira vez, vinte anos antes – no fim do ano de 1880. Como observa-se na sua troca de correspondências com o editor Cotta, Dilthey planejava, naquela época, um empreendimento que ele comparava à *Origem da França contemporânea* de Hippolyte Taines: uma pesquisa projetada para dois volumes sobre “história da vida espiritual na Alemanha na modernidade”. Ela deveria ser publicada na *Biblioteca de história alemã* planejada pela Cotta-Verlag.⁴³ A publicação da *História da Academia de Ciências da Prússia* de Adolf von Harnack, pelo jubileu da academia no ano de 1900, o proporcionou de novo a oportunidade de dedicar-se à história espiritual – primeiramente do século XVIII.⁴⁴ Dilthey anunciou, numa série de artigos no *Deutsche Rundschau*, o que ele havia pensado “sobre o contexto da história da academia com as grandes mudanças de nossa cultura e nossa ciência”: *A Academia de Ciências de Berlim, seu passado e suas tarefas atuais* (junho/julho de 1900) e *O esclarecimento alemão no estado e na academia de Friedrich, o Grande* (abril/maio de 1901). Duas outras contribuições sobre *O décimo oitavo século e o mundo histórico*, saíram em agosto e setembro do mesmo ano. Dilthey não seguiu a sugestão do editor, de reunir esses seis artigos em um livro. Como Paul Ritter, colega de trabalho mais próximo de Dilthey àquela época, declarou, Dilthey formulou o plano de escrever uma “história do espírito alemão”, “em primeiro lugar, desde Leibniz até a virada, marcada pela

⁴⁰ Ibid, 54.

⁴¹ Ibid.

⁴² Ibid., 25.

⁴³ Cf. H.-U. Lessing, loc. cit., 106.

⁴⁴ Cf. P. Ritter: Prefácio do editor, in: W. Dilthey: Obras reunidas, volume III, V.

produção de Hegel, Goethe, W. von Humboldt e Schleiermacher”. Ele aproveitou de modo renovado “o que antes escrevera sobre esse tema e, em maior parte, escondera em sua estante de manuscritos”: “tiveram início uma ordem entusiástica e a transformação desses velhos tesouros.” Ele empregava novas pesquisas “para preencher as lacunas abertas por todas as partes”, na esperança de, “após a para ele curiosa experiência analítica no tratamento de assuntos históricos”, lançar “estudos” individuais sobre história do espírito alemão. “Já em 1902 o primeiro volume parecia formar um todo completo. O contrato com o editor foi fechado, a impressão começou. Então foi tudo mais uma vez repensado, cada folha era anulada, uma após a outra, enfim, a pressão foi finalmente suspensa.”⁴⁵ Como também Misch nos informa, “foi [...] um primeiro volume praticamente pronto, já impresso, um livro de proporções fáceis de se manejar, que começava com Leibniz e então apresentava a época do esclarecimento, o esclarecimento alemão centrado em Friedrich, o Grande e seu Estado: ali [Dilthey] parecia dar a impressão de ter espremido toda a tiragem de 19 volumes”.⁴⁶

Os estudos de Dilthey levaram-no de volta, à época do esclarecimento alemão e do estado de Friedrich, ao tempo da Reforma e sua religiosidade interior, e para a frente, a um tratado *Sobre o direito geral da terra*, com o qual ele pensou coroar a apresentação do Estado de Friedrich, o Grande.⁴⁷ Ainda nos últimos anos de vida, ele se ocupava com esse tratado e o descrevia de vez em quando como “seu testamento”.⁴⁸ Da teoria da fé dos reformadores, Dilthey regressou ainda mais até a época da grande poesia da Idade Média. Seus “estudos” sobre história da poesia alemã cruzavam-se com seus outros trabalhos histórico-literários – sobre Schiller e Shakespeare, sobre Jean Paul e Charles Dickens; por detrás desses, ficou o projeto concebido no verão de 1895, mas que permaneceu não realizado, *Poeta como observador da humanidade*. Em sua apresentação da história do desenvolvimento da historiografia no século XVIII, acrescentavam-se mais uma vez *Lembranças dos historiadores alemães*, de quem ele mesmo era íntimo no seu século. Sob o título de *Contemporâneos*, Dilthey queria publicar, numa forma fechada, essas “observações e lembranças sobre o início da consciência histórica no século XIX”,⁴⁹ que vivenciara “o poderoso avanço da consciência histórica” (XI, XIV). “O mundo do espírito alemão”, assim escreveu Georg Misch, foi o “mundo de Dilthey, seu mundo mais próprio”.⁵⁰

Sobre esse mundo, ele falou em seu *Discurso ao 70º aniversário*, com o qual ele respondeu às felicitações dadas pelos seus amigos e alunos, em 19 de novembro de 1903. Este mundo levou-o de volta “a Berlim do início dos anos cinquenta do século

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ G. Misch, loc. cit., 21.

⁴⁷ E. Weniger: Nota prévia do editor, in: W. Dilthey: Obras reunidas, volume XII, VIII.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ Cf., ibid.

⁵⁰ G. Misch, loc. cit., 26.

anterior”, na qual ele vivenciou “o grande movimento [...], no qual consumou-se a constituição definitiva da ciência histórica e, através disso, também principalmente a das ciências humanas”. (V, 7) Ele reformou as figuras de Niebuhr, Boeckh, J. Grimm, Mommsen, Ritter e Ranke, nas quais apareceu-lhe “o patrimônio histórico mesmo”. “Devo o direcionamento do meu espírito a essas grandes impressões.” (V, 9) Ao mesmo tempo, ele chamava a atenção para a tarefa geral, que sua “crítica da razão da razão histórica” o colocara: a solução da “aparente antinomia inconciliável” que surgira entre “a finitude de cada fenômeno histórico” e “pretensão da filosofia de um conhecimento universalmente válido”. “Trabalhei a minha vida inteira na solução dos problemas que aqui concluem-se numa longa série.” (Ibid.)

Dilthey retribuiu as festividades e a um retrato seu como presente através de uma notificação meticulosamente concebida e redigida, mas não publicada durante sua vida, sobre a “atmosfera de vida, que cresceu em mim a partir dos sentidos sobre as consequências da consciência histórica” e que ele expôs na forma de um sonho. (VIII, 220 f.) Na gravação de Volpato do quadro de Rafael, *A escola de Atena*, que ficava pendurado em seu quarto de hóspedes em Klein-Oels, Dilthey fantasiava a imagem dos “sistemas” da filosofia “que se combatem na vida e na morte”. (VIII, 221) Nesse fragmento intitulado *Sonho*, entrelaçavam-se pensamentos, que Dilthey relatara “ao amigo” Yorck “durante uma conversa à noite”. (VIII, 224)

Passaram-se vinte anos desde sua chamada à Universidade de Berlim e Dilthey falava agora da esperança de que seus jovens companheiros, seus alunos, caminhassem seus caminhos até o final. Ele introduziu-os à sua “oficina”, “que era o seu estúdio”.⁵¹ Georg Misch nos conta como essa colaboração se formou a partir de suas memórias pessoais: “Isso era fazer carreira: copiar manuscritos, redigir o que ele ditava, andando pra cima e pra baixo ou também prazerosamente sentado na cadeira de balanço, leitura de Platão, Schelling, Hegel etc., tal como ocorria-lhe. Também aí o excitante de sua produtividade – as margens nas páginas dos livros não eram suficientes, a folha de rosto tinha que ser sacrificada, para poder anotar as ideias que lhe chegavam ou suas observações críticas. Mas então acontecia dele começar a participar sozinho. Aparentemente muito sozinho. [...] De acordo com trabalho ao qual ele mesmo sempre se prendia, repentinamente pedia a um colega para elaborar detalhadamente algo que ele requisitasse, especialmente sobre literatura, algo sobre Herder ou Wieland ou as correspondências de d’Alembert com o velho Fritz. Então isso tinha que ser feito e disponibilizado rapidamente. Trabalhava-se noite adentro para satisfazê-lo. Que satisfação era quando vínhamos com algo escrito para ler em voz alta e ele então tomava tudo ou apenas uma parte e ditava o que escrever de cabeça, mas a partir de um contexto no qual o que havíamos feito tomava toda uma nova aparência. Ele podia, às vezes, tomar literalmente o que um de seus alunos escrevera: tão forte, até aos modos, foi a influência sobre a qual experimentava-se a

⁵¹ Ibid. 55.

própria força. Entretanto, ele mandava um ou cada aluno corrigir livremente também seus próprios manuscritos, particularmente durante a impressão, com uma procuração incrivelmente despreocupada. Estávamos com e para ele como um órgão num todo vivo. Mas apenas um órgão próximo ao outro. Nenhum dos colegas sabia de tudo em que o mestre trabalhava. Viviam-se no todo e era-se criado, através da participação, sem uma disciplina intencional, mas ninguém percebeu o todo como todo diante dos olhos.”⁵² O círculo de alunos mais próximo que Dilthey reunia em volta de si, consistia em Paul Ritter (1872-1954), Georg Misch (1878-1965), Herman Nohl (1879-1960), Bernhard Groethuysen (1880-1946), Eduard Spranger (1882-1963), Max Frischeisen-Köhler (1878-1923), Paul Menzer (1873-1960), Helene Stöcker (1869-1943) e Anna Tumarkin (1875-1951).

Em honra do círculo dos amigos mais próximos, no qual também tomou parte poética Ernst von Wildenbruch, cunhado de Yorck, conectavam-se outras altas condecorações do erudito. Já em 18/01/1901, foi concedida a Ordem da Águia Vermelha⁵³ a Dilthey pelo imperador; na mesma data, exatamente quatro anos mais tarde, em 18/01/1905, ele recebeu a Ordem Real da Coroa⁵⁴. Em 12/02/1904, a Universidade de Königsberg o conferiu o título de doutor *honoris causa* em teologia, e, em 17/08/1908, ele foi admitido na classe de paz da ordem “Pour le Merit”.

239

No ano de 1904, Dilthey lidou novamente com o primeiro volume da *Introdução às ciências humanas*, “já há vários anos em falta nas livrarias”. Ele apostou “a desejo do editor”, em uma segunda tiragem de sua obra principal esgotada, “ainda antes que seus avanços possam aparecer”. (I, 410) Dilthey queria publicar o primeiro livro introdutório do volume “sem nenhuma modificação”: “não me parece recomendável, exterminar a entonação daquela sua época, da qual toda a busca [foi] originada”. O segundo livro deveria “ser melhorado em muitos modos” e ser ampliado em dois capítulos, “que sirvam a [um] propósito epistemológico e metódico”. (I, 410 f.). Até o ano de 1906, Dilthey projetou um novo *prefácio*, bem como uma série de *adendos*. Nos trabalhos de Wilhelm Windelband, Heinrich Rickert, Alois Riehl e Georg Simmel, Dilthey encontrou um campo de ressonância novo e modificado da sua “tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história” daquela época. Com isso, parecia-lhe necessário “apresentar minha própria fundamentação, tão detalhadamente quanto pode acontecer num tempo breve” e “adentrar nos problemas da lógica e da epistemologia das ciências humanas”. (I, 412) Ele achou uma confirmação de suas pesquisas psicológico-descritivas nas *Investigações lógicas* de Edmund Husserl, lançada na virada do século, com cuja leitura ele ocupou-se intensamente. Porém, antes que ele se dedicasse novamente à “formação do método analítico” de sua tentativa de fundamentação, Dilthey informava de seu trabalho – o fechamento ao qual a série de redações desde 1891 nos *Arquivos* de algum modo

⁵² Ibid., 55 f.

⁵³ “Rother Adler Orden” no original. (n. do T.)

⁵⁴ “Königlicher Kronenorden” no original. (n. do T.)

chegou - sobre *Função da antropologia na cultura dos séculos XVI e XVII*, que ele apresentou, em 17/01 e 11/02/1904, na Academia de Berlim, e, após, publicou nas *Minutas*, suas pesquisas sobre a “experiência construtiva” da psicologia “no sistema natural” e aprofundava-se na teoria dos afetos do século XVII.

Essa palestra construiu o início dos “ensaios sobre a delimitação das ciências humanas, o contexto da estrutura do conhecimento, da vivência e da compreensão, lidos na Academia de Ciências por vários anos, até 20 de janeiro de 1910”. (VII, 79) Dilthey as qualificava como *Estudos para a fundamentação das ciências humanas*. Esses *Estudos* formavam a “base” de um trabalho maior, que ele, por conta da pressão, entregou em 21/03/1910 e que, em 05/12/1910, foi publicada enquanto “primeira metade” nos *Ensaio da Academia Prussiana*. O trabalho publicado ao fim de 1910 levava como título *A construção do mundo histórico nas ciências humanas* e continha observações sobre a “delimitação das ciências humanas” e “a diferenciação da construção nas ciências naturais e nas ciências humanas”. Seguiram-se “sentenças gerais sobre o nexos das ciências humanas”, nos quais Dilthey introduzia os para ele especialmente importantes teoremas do “espírito objetivo” e do “nexo da repercussão histórica”, que “apresenta[va]m algo de novo em oposição ao ponto de vista psicológico”.⁵⁵ Foram colocados de lado os já elaborados ensaios sobre *A vivência* e *A compreensão de outras pessoas e suas expressões de vida* - evidentemente como rascunho de uma “alteração” parcial ou “avanço” da *Construção*. Como Bernhard Groethuysen mais tarde informou, Dilthey deu, ainda no ano de 1907, o conselho, para “que elaborasse e lançasse juntamente a ele o segundo volume da ‘Introdução às ciências humanas’”.⁵⁶ “Após a conclusão do ensaio [sobre a *Construção*], Dilthey sentiu sua saúde muito enfraquecida. Seu médico prescreveu-o poupar-se o máximo possível e proibiu-lhe qualquer atividade com problemas teóricos complexos. Então Dilthey voltou-se principalmente aos trabalhos sobre o segundo volume da *Vida de Schleiermacher*, que lhe pareciam mais fáceis e apropriados para a seu estado naquela época.”⁵⁷ Nisso, Dilthey sustentava avançar com seu grande tratado. Ele discutia sobre os métodos e conceitos, que deveriam oferecer a compreensão do nexos vital individual e avançou então à pergunta acerca “do conhecimento do contexto histórico universal”. Nesse momento, emergia de novo em seus manuscritos o título no qual ele já pensava à época da redação do primeiro volume da *Introdução às ciências humanas*: “Crítica da razão histórica”. “Vida”, assim resumia Dilthey o seu ponto de vista chefe, “é agora o fato fundamental, que deve construir o ponto de partida da filosofia”. Este fato fundamental lhe foi “dado [em; n. do T.] vivência e compreensão” e estendia-se “à enorme abrangência do espírito objetivo”. (VII, 359)

⁵⁵ B. Groethuysen: Nota prévia do editor, in: W. Dilthey: Obras reunidas, volume VII, VIII.

⁵⁶ *Ibid.*, V.

⁵⁷ Nota a W. Dilthey: Obras reunidas, volume VII, 357.

Enquanto Dilthey ocupava-se com a “Construção lógica” das ciências humanas, lia seu trabalho sobre *A história da juventude de Hegel*, ainda em 1905 – em 23/11 e em 14/12 – na academia. “Diferentes trabalhos, primeiramente da história das ciências humanas e da vida de Schleiermacher”, assim fundamentava e explicava sua *A História da juventude de Hegel*, “me levaram sempre de volta a Hegel e, ocupando-me dele, ocorreu-me que, [...] sem uma execução renovada dos manuscritos de Hegel, não se pode adquirir uma compreensão histórica sua. Assim surgiu em mim a apresentação da história do desenvolvimento de Hegel, a partir da qual eu aqui apresento a história do período, que vai desde suas primeiras notas até o início de suas primeiras apresentações preservadas de seu sistema e às suas primeiras publicações no jornal filosófico.” (IV, 3)

Em uma competição da Academia de Berlim, dos anos de 1899 e 1900, repetida até o ano de 1907, o próprio Dilthey indicara a pergunta decisiva, cuja resposta por ele esperada basear-se-ia num estudo do espólio manuscrito de Hegel: “A história do desenvolvimento do sistema hegeliano deve ser representada com a utilização de seus manuscritos encontrados Biblioteca Real de Berlim e compreendida historicamente. Nesse contexto, deve-se levar em conta especialmente a formação do panteísmo, do seu método dialético, da sua determinação das categorias em sua lógica e do seu processo para se levar as formas da vida histórica a um contexto histórico.”⁵⁸ Para a elaboração e ordenação dessa parte dos manuscritos de Hegel, Dilthey poderia haver conquistado seu jovem amigo, a cujos esforços não abandonados ele deve “a agora alcançada conclusão” de sua *História da juventude*. “Se ele nos enviasse uma edição dos manuscritos desse período, isso seria o complemento mais valioso do meu trabalho.” (IV, 4) A edição foi lançada em 1907 sob o título de *Escritos teológicos da juventude de Hegel*. Nohl escreveu, a partir de suas memórias pessoais sobre o trabalho de Dilthey no livro sobre Hegel: “Eu observei o surgimento desse livro em ambas as fases do trabalho [preparação e impressão] até o esgotamento do ciclo do homem idoso que apenas pensava em sua tarefa, cheio de segredos, e o prazer de uma tal vida no mundo histórico do espírito e em todas as suas possibilidades que eu pude ter vivido àquela época serão inesquecíveis para mim.”⁵⁹ “Hegel” definitivamente deve ter desembocado, seguindo as intenções de Dilthey, “no oceano de ‘estudos de história do espírito alemão’”.⁶⁰

Nesse grande objeto histórico-filosófico, imerso “sob completa abstração da própria pessoa”, Dilthey conseguiu a carta do ministério que respondia afirmativamente à sua requisição de 20 de junho de destituição das suas funções oficiais na faculdade de filosofia e, ao mesmo tempo, expressava “o mais caloroso reconhecimento pelos excelentes serviços”, que ele adquirira na sua “eficiência acadêmica de vários anos pela ciência e pela pátria”. Agora, aos 72 anos de idade,

⁵⁸ H. Nohl: Prefácio, in: W. Dilthey: Obras reunidas, volume IV, VI.

⁵⁹ Ibid.

⁶⁰ Ibid.

surgia mais um livro para publicar, que “é um todo completo e fechado em si”. A *vivência e a poesia*. Lessing. Goethe. Novalis. Hölderlin. *Quatro ensaios*.⁶¹ Dilthey dedicou sua coleção de ensaios “à memória de Hermann Usener”, seu cunhado falecido em 21 de outubro de 1905 em Bonn. Os dois primeiros ensaios sobre Lessing e Goethe foram primeiramente publicados em 1867 e 1877, respectivamente, o sobre Novalis em 1865, e uma redação sobre Hölderlin no ano de 1867. Os ensaios sobre Lessing e Goethe haviam “experimentado mudanças e acréscimos”;⁶² ele pôde quase “dar-se por completamente satisfeito com a redação sobre Novalis, tal como fora publicada em 1865”.⁶³ O ensaio Hölderlin foi “acrescentado como novo” – apenas algumas passagens do tratado publicado em 1867 foram adotadas na reelaboração. O título sugeria, segundo Dilthey, apenas “muito insuficientemente” o nexo interno das três primeiras redações e ele afastava o leitor “da execução do ensaio sobre ‘Goethe e a Imaginação poética’”⁶⁴ pois tratava-se para ele, no livro, da relação fundamental entre vida e poesia”. (XXVI, 115)

Na compilação e elaboração dos ensaios “nessa jóia”, haviam colaborado os jovens amigos e alunos Paul Menzer, Anna Tumarkin, Max Frischeisen-Köhler e Georg Misch. Dilthey mesmo contribuía “ao ponto central de toda história da literatura”: “a imaginação do poeta, sua relação com a matéria da realidade vivida e com a tradição, [...] a curiosa forma dessa imaginação criadora e dos trabalhos poéticos, os quais nasciam de tal relação”. (XXVI, 113) O sucesso inesperado de suas “redações de juventude”, que libertava a ciência literária da época do círculo de influências da crítica filológica e da pesquisa das superficialidades históricas, levaram Dilthey, contudo, de volta à criação. Uma segunda tiragem do ano de 1907, continha mais complementos da apresentação da obra da vida de Lessing. Na terceira, publicada em 1910, Dilthey adiantou uma introdução *Sobre o andamento da literatura moderna europeia*; nos *adendos* da Redação sobre Goethe, ele esclarecia “seu significado para a literatura mundial”.⁶⁵

Nos anos de 1907 e 1908, ele retornou ao ensaio publicado há vinte anos, em 1887, sobre *A força de imaginação do poeta. Componentes para uma poética*, que deveria ser “radicalmente remodelada”.⁶⁶ Com este propósito, ele projetou, em 1908, um *Panorama da poética* dividido em dois livros. Vivência, criação poética e historicidade da obra, “como elas surgem a partir da relação de vivência, significância, conteúdo da criação e forma”,⁶⁷ construíam nele um contexto interior, no qual ele queria experimentar a força de suas análises antropológicas e de psicológico-estruturais. O

⁶¹ G. Misch: Vom Lebens- und Gedankenfreis Wilhelm Diltheys, loc. cit, 27.

⁶² W. Dilthey: Prefácio a: *Vivência e Poesia*. Leipzig, 1906.

⁶³ G. Misch, loc. cit., 27.

⁶⁴ W. Dilthey: Prefácio, loc. cit.

⁶⁵ W. Dilthey: Sobre as segunda e terceira edições.

⁶⁶ Nota de: W. Dilthey: *Obras reunidas*, volume VI, 310.

⁶⁷ *Ibid.*, 311.

que, a partir daí, alcançou – fragmentariamente – a execução, conduziu às proximidades de seus *Estudos* dedicados à vivência, bem como de seus projetos e elaborações da *Construção*.

Enquanto isso, surgiam sempre novos manuscritos sobre as “poesia e música alemães” – sobre a “grande música do século XVIII”, sobre o “mundo germânico”, sobre “poesia cavalheiresca e a epopeia nacional” –, que pertenciam ao grande contexto de seus *Estudos sobre a história do espírito alemão*. Durante estes trabalhos, faleceu, em 19 de março, seu colega de longos anos, Eduard Zeller. Dilthey publicou, em 5 de abril de 1908, no *Neue Freie Presse* de Viena, um obituário do grande historiador da filosofia, cuja juventude ele descrevera com firmes traços.

Hugo von Hofmannsthal falava da atmosfera espiritual que Dilthey alcançava nestes anos. Ele, que visitara Dilthey, contava, mais tarde, em poucas palavras: “São maravilhosos os ares em torno deste senhor, ares de outono, espirituais, brilhantes ares de outono: o distante, o mais distante mais próximo para se agarrar, o próximo celebrado e como transfigurado.”⁶⁸

Em suas preleções, dadas desde 1898, sobre *Sistema da filosofia*, Dilthey decidiu por tratar, “primeiramente, em uma introdução, da posição da filosofia na cultura da atualidade, então a essência da filosofia e, finalmente, a divisão da mesma em suas partes”. A filosofia deveria, segundo seus planos e esboços, abranger três partes: “os fundamentos filosóficos” em lógica e teoria do conhecimento, então “o contexto aqui fundamentado das ciências e seus métodos”, e, por fim, “a teoria das formas da concepção de mundo filosófica e metafísica”.⁶⁹ O ensaio sobre *A essência da filosofia*, que ele publicou, no ano de 1907, na grande coletânea *A cultura da atualidade*, editada por Paul Hinneberg, no volume *Filosofia sistemática*, oferecia uma visão de ideias, que o moviam já há muito. Dilthey escolheu o processo histórico para determinação da essência da filosofia; ele investigava concomitantemente o âmbito dos limites de uma tal determinação da essência, “o conector entre a filosofia e a religiosidade, literatura e poesia”. A partir de sua posição no mundo espiritual, a partir de sua relação “com o contexto da estrutura do indivíduo e da sociedade”, ele buscava compreender “a função vivente” da filosofia. Ele confrontava a concepção de mundo filosófica com a religiosa e com a concepção de vida do poeta, compreendia sua estrutura e descrevia seus diversos “tipos”. “É a tarefa da teoria das concepções de mundo”, assim escrevia Dilthey, “tirar metodicamente a relação do espírito humano com o enigma do mundo e da vida do desmembramento do desenrolar histórico de religiosidade, poesia e metafísica em oposição ao relativismo e trazê-la à apresentação.” (V, 406)

Entretanto, a função da filosofia era ligada, para ele, “de antemão, não à configuração da concepção de mundo”: ela persiste “também aí, onde metafísica não é procurada ou reconhecida”. (V, 407) Por conseguinte, ele voltou-se àquelas funções da filosofia, “as quais levam em frente o pensamento, que se consumou nos campos

⁶⁸ H. von Hofmannsthal: Lembranças de W. Dilthey, in: O dia de 19/11/1911.

⁶⁹ Nota de: W. Dilthey: Obras reunidas, volume VIII, 267.

individuais da cultura” (ibid.), nos quais ela alcançou a formação de uma “ciência fundamental” enquanto lógica e teoria do conhecimento, enquanto teoria da ciência. O elemento central de sua exposição, sua ideia dos “tipos da concepção de mundo” em religião, poesia e metafísica, experimentou um destino peculiar. Como Misch constata, “ela se impôs rapidamente, teve um efeito grande e também produtivo especialmente na história da literatura e na história da arte, mas foi, ao mesmo tempo, muitas vezes recebida como um extrato didático de todo seu trabalho com a fundamentação histórico-filosófica da filosofia, de modo que se achava que, com esse exemplar em mãos, se estaria agora também de posse dele próprio por completo”.⁷⁰

Em certa medida, Dilthey mesmo criara as pré-condições favoráveis para esse “mal-entendido”, quando ele publicou, no ano de 1911, *Os tipos de concepções de mundo e suas formações no sistema metafísico* na grande coletânea editada por Max Frischeisen-Köhler *Concepção de mundo, filosofia e religião*, pela editora Reichl como um ensaio aparentemente fechado em si mesmo. Tomado como um exemplar definitivo, a classificação de concepções de mundo filosóficas em tipos não redutíveis um ao outro teve que provocar diretamente sérias ponderações. Permaneceu, neste sentido, velado ao público, o fato de que sua diferenciação dos tipos, entretanto, “deveria ter servido não aos propósitos da classificação, mas sim, muito mais, ao contrário, a ‘ver mais aprofundadamente na história e, em verdade, a partir da vida’”,⁷¹ portanto, a ter remetido mais uma vez ao centro de seus esforços filosóficos por uma “crítica da razão histórica”.

Em 16 de fevereiro de 1911, Dilthey leu – como antes, no ano de 1903 – na Academia Berlimense sobre *O surgimento da concepção de mundo histórica de Niebuhr em sua juventude* e publicou seu adendo sob o título de *Sobre o começo da concepção de mundo histórica de Niebuhr* no *Deutsche Rundschau*. Nesse ano, ele voltou a dedicar-se à *Vida de Schleiermacher*, que ele elaborou para uma nova edição. Paralelamente, ele se decidiu por uma coletânea de seus escritos sistemáticos mais importantes, publicados até aquele momento em forma de artigo, a qual ele deu o título de *O mundo espiritual. Introdução à filosofia da vida*. “Na decisão do homem de 77 anos de idade, de, a partir de então, editar formal e reunidamente as publicações”, assim escrevia Misch sobre essa pretensão, “residia a” – já definitiva – “abdicção de levar à frente o plano original” de um segundo volume de sua obra principal.⁷² Ao final do verão de 1911, Dilthey começou a escrever o prefácio a essa coletânea, cuja edição ele, entretanto, deixara a cargo de Georg Misch. Em 02 de setembro de 1911, Dilthey o escreveu de Mieders, em Stubaital: “Para organizar a coleção, quero colocar uma curta introdução e um ensaio sobre religião, que surgiu oportunamente em mim com Schleiermacher e que eu escrevo aqui como a mais importante. Assim, o título “O mundo espiritual”

⁷⁰ G. Misch: Do círculo de vida e pensamento de Wilhelm Dilthey, loc. cit., 29.

⁷¹ Ibid., 31.

⁷² G. Misch: nota prévia do editor, in: W. Dilthey: Obras reunidas, volume V, VII.

vai combinar muito bem com o conteúdo e o conteúdo formará um todo.”⁷³ Ele anexou ao seu manuscrito sobre *O problema da religião* seu exemplar de mão do artigo sobre *A essência da filosofia*, no qual ele acrescentou observações adicionais.⁷⁴ Ele era pura criatividade: “Estou indo tão bem, como se eu fosse chegar aos 110 anos.”⁷⁵ Mas uma casualidade infeliz, uma infecção que ele contraiu numa viagem aos seus caros montes do Tirol do Sul, pôs fim à sua vida rica em trabalho. Wilhelm Dilthey morreu em 01 de outubro de 1911 na casa Salegg, em Seis no Schlern; ele foi enterrado em sua cidade natal, Biebrich, no velho pátio, numa sepultura de honra em 07 de outubro de 1911, à tarde, às 16 horas.

3.

Dilthey também pregou uma vez em sua cidade natal. “O pastor que o sepultou em Biebrich descrevia isso como o ponto alto de sua vida.”⁷⁶ Dilthey seguira, contudo, um outro caminho. Agora foram apenas seus alunos, “esse pequeno círculo de oito a dez pessoas, que nos últimos vinte anos permaneceram em parceria de trabalho pessoal com ele”,⁷⁷ que, sob a pressão da notícia da morte de Dilthey, recordaram esse caminho em pensamento. Entre eles, Eduard Spranger no *Berliner Tageblatt* de 23/10/1911: “Que pensamentos desperta essa notícia triste! – Nós, jovens, se quisermos ser francos, temos que confessar que não conhecemos nosso professor em sua organização mais profunda, mais humana. [...] Nós viemos a ele através de seus livros ou por meio de suas preleções; e o encontramos, dedicado à coisa, pleno da ciência até à inflexibilidade, até ao esquecer do mundo e do homem, cuja vida mais própria ele soube escutar senão a partir de algumas poucas folhas antigas até o mais súbito suspiro.”⁷⁸ Em frente ao filho do professor e aos representantes da faculdade berlinense, Spranger despediu-se de Dilthey, no *Joachimsthalschen Gymnasium*, onde o trabalho de Dilthey como professor tivera início, em um discurso *in memoriam* comovido.⁷⁹ Na Sociedade Filosófica de Jena, Herman Nohl também proferiu, no ano de 1912, um discurso *in memoriam* – não publicado à sua época -, no qual ele falava o que levava ele e os outros alunos sempre de volta a Dilthey: “Dilthey não era, com certeza, isso que se toma como uma pessoa forte, ele sofria facilmente com a vida e era muito sensível para segurar-lhe as rédeas. [...] Mas

245

⁷³ Nota de W. Dilthey: Obras reunidas, volume VI, 320.

⁷⁴ Cf. as notas de W. Dilthey: Obras reunidas, volume V, 427.

⁷⁵ G. Misch: Do círculo de vida e pensamento de Wilhelm Dilthey, loc. cit., 11.

⁷⁶ H. Nohl: Da nova edição das obras de Dilthey (1957), in: F. Rodi/H.-U. Lessing (ed.): Materiais sobre a filosofia de Wilhelm Dilthey. Frankfurt a. M. 1984, 275-285; aqui: 278.

⁷⁷ *Ibid.*, 275f.

⁷⁸ In: O espírito do tempo, suplemento ao *Berliner Tageblatt* de 23/10/1911; cf. G. Misch: Do círculo de vida e pensamento de Wilhelm Dilthey, loc. cit., 16f.

⁷⁹ E. Spranger: Wilhelm Dilthey. Um discurso *in memoriam* proferido no Societas Joachimica de Berlim. Leipzig o. J.

havia um último ponto nele que não queria nada como a verdade, verdade científica, nenhuma salvação por meio de uma crença de qual fosse o tipo. E lhes eram viventes também suas forças mais nobres apenas na recuperação da produtividade alheia, assim ficavam-lhe abertas as profundezas da alma da vida através desse meio como muito poucas pessoas de sua época.”⁸⁰ E em janeiro e fevereiro de 1913, Bernhard Groethuysen, quem, na última fase da vida de Dilthey, mais se manteve próximo, publicou, do mesmo modo, um obituário, no qual ele também procurou caracterizar a obra de Dilthey: “Em muitos de seus trabalhos, reside como que uma inquietude por ter que estabelecer o pensamento; é como se os pensamentos se conformassem à forma que lhes fixava apenas com relutância.”⁸¹

Para achar essa forma para os muitos trabalhos esparsos, Dilthey estava quase desesperado, “nos últimos anos, onde ele pensava na possibilidade de sua morte, e o medo de ter que abandonar todos os seus trabalhos incompletos quase não o deixava dormir.”⁸² Ele confiava na lealdade de seus alunos. Ele disse uma vez a Nohl: “Você ainda vai falar mal de mim, quando eu estiver morto.”⁸³ – Ele pensava, com isso, também nos incontáveis manuscritos que se encontravam em sua estante, sem terem sido publicados. Eles ficavam, junto à biblioteca, em seu apartamento em Berlim. Dilthey havia confiado-o, antes de sua morte, à guarda do Conde Heinrich Yorck von Wartenburg, seu testamenteiro. Em 13 de novembro de 1911, após previamente ter debatido com Clara, a filha de Dilthey, no castelo de Klein-Oels o Conde Heinrich Yorck dirigiu-se, com o pedido por escrito ao seu marido, Georg Misch, de que fossem discutidas em pormenor as perguntas remanescentes relativas ao espólio literário de Dilthey, ou seja “o manejo com os manuscritos póstumos, a utilização da biblioteca e a continuidade ou edição dos trabalhos iniciados”. Um “inventário exato e tanto quanto possível dentro das disciplinas individuais em ordem cronológica” foi estabelecido como tarefa iminente. “Groethuysen e Ritter logo se prontificaram a assumir este trabalho.” “Quando o apartamento [em Berlim] for entregue em 01/04/2020”, escreve o Conde Yorck, “terá que ser achado um lugar que sirva de depósito. Eu pensei na Academia de Ciências [...]” Estimativa e venda da biblioteca foram promissoras, com exceção “de exemplares intensamente anotados, tratados como manuscritos”. Agora, Heinrich Yorck pediu a Georg Misch que tomasse, junto a Paul Ritter, Bernhard Groethuysen e Eduard Spranger, “sob apelo de minha própria consulta pessoal”, para que fossem cumpridas as pré-condições indispensáveis para a continuidade e edição dos escritos já iniciados, mantendo o “acordo”⁸⁴ feito pelo próprio Dilthey. Ao menos uma parte do espólio deveria achar-

⁸⁰ H. Nohl: Da nova edição das obras de Dilthey, loc. cit., 285.

⁸¹ B. Groethuysen: Obituário; cf. Misch, loc. cit., 18.

⁸² H. Nohl: Da nova edição das obras de Dilthey, loc. cit., 276.

⁸³ Ibid., 276f.

⁸⁴ Carta do Conde Heinrich Yorck von Wartenburg a G. Misch de 13/11/1911.

se momentaneamente, àquela época, no castelo Klein-Oels. Em 1912, o Conde Yorck empregou Joachim Ringelnatz, por quase um ano, em Klein-Oels, como arquivista e bibliotecário.⁸⁵ Ele também foi encarregado da inspeção e produção de cópias isoladas dos papéis de Dilthey.

Sobre o início das edições diltheyanas, Arthur Stein, aluno de Heinrich Rickerts em Freiburg em Breisgau que queria escrever seu doutorado sobre Dilthey e foi a Berlim com esse propósito, deu valiosas informações em boletins e documentos.⁸⁶ Stein relatava: “Já em março de 1912, Groethuysen chamava-me por escrito [...] para vir a Berlim para uma inspeção no remanescente do espólio literário de Dilthey em seu apartamento. [...] Essa vistoria (na presença de mais ‘crianças’ do filósofo morto) durou quase um dia inteiro; eu tive a oportunidade de fazer algumas anotações que eu pude aproveitar ainda antes da entrega da minha dissertação.”⁸⁷ Groethuysen lhe propôs participar no trabalho editorial. Como esse trabalho se concretizava, resultava de um reconhecimento por escrito de Groethuysen de 20 de julho de 1922. Groethuysen via-se, “após da morte de W. Dilthey, encarregado da herança e, enquanto aluno do falecido, posto diante da tarefa de publicar as obras filosóficas póstumas de Dilthey”. “Um exame provisório do espólio logo nos mostrou o quão grande eram as dificuldades que nós teríamos que superar. Os escritos filosóficos deixados constituíam 108 pilhas de papel, nas quais se encontravam toda a espécie de notas, esboços, projetos e *textos prontos e passados a limpo*, cuja época de surgimento se estendia há várias décadas anteriores e que não dispunham de uma ordem qualquer. Assim tinha-se que avistar o todo, antes que se pudesse de qualquer modo se pensar na publicação de determinadas partes dos textos deixados.”⁸⁸ No inverno de 1913/14, Stein trabalhou intensivamente junto a Groethuysen. Com Misch, Groethuysen discutiu bem oral ou por escrito sobre, “como as partes individuais do espólio completo devem dividir-se entre os diferentes colaboradores.”⁸⁹ Não devia haver um plano de edição elaborado e uma concepção definitiva para a publicação dos manuscritos do espólio naqueles anos iniciais. “Parecia apropriado aos editores das obras de Dilthey, por ora, publicar aqueles volumes que continham o já impresso com as complementaridades necessárias.”⁹⁰ Nesse sentido, Groethuysen lidava, principalmente, com os planos de uma reedição dos primeiros volumes da *Introdução às ciências humanas*, dedicava-se, junto a Stein, ao tratado sobre a “filosofia da filosofia” e organizava fragmentos “que se relacionavam à posição de Dilthey diante da pergunta das concepções de mundo”.⁹¹

⁸⁵ Cf. K. Gründer: Da filosofia do Conde Paul Yorck von Wartenburg, loc. cit., 55.

⁸⁶ Cf. F. Rodi: O início das edições diltheyanas, reflexo de boletins e documentos de Arthur Stein, in: Anuário Dilthey de filosofia e história das ciências humanas 5 (1988), 167-177.

⁸⁷ Ibid., 170.

⁸⁸ Ibid., 172.

⁸⁹ Ibid., 175.

⁹⁰ Ibid., 173.

⁹¹ Ibid.

Em 29 de janeiro de 1913, o conde Yorck fechou contrato com a editora de Leipzig B. G. Teubner para a publicação dos “escritos de Wilhelm Dilthey”. O “plano anexo a este contrato”, de 27 de fevereiro e 10 de março de 1913, previa seis volumes e estabelecia para o fechamento da redação dos planejados cinco primeiros volumes, ao mesmo tempo, quase nenhuma data a ser realmente cumprida no prazo. Eles deviam aparecer no intervalo entre 1913 e 1915. Permaneciam abertos “abrangência e prazo” do sexto volume, que deveria conter “publicações dos manuscritos inacabados”. Enquanto “fragmentos de páginas” dos “artigos de juventude” publicados por Dilthey, i. é., *Vivência e Poesia*, foi planejado, além disso, “um volume com a mesma apresentação e a mesma forma”. Volume este, cujo título “ainda não [é] definitivamente caracterizado”: *A faculdade de imaginação do poeta e outras redações sobre política e poesia*. Ele deveria ficar pronto até novembro de 1913.⁹² Porque apenas pode “tornar-se claro, segundo a visão geral de todo o material que chegava para consideração, sobre a divisão em volumes individuais” e porque “através de outros exames do espólio de outros campos”, achava-se sempre “novo material a ser publicado”⁹³, uma execução de imediato do plano projetado pelo conde Yorck não foi de todo possível. Um balanço abrangente e um inventário do espólio⁹⁴ constituído de, ao todo, cerca de “300 pilhas de papel”, foi feito por Paul Ritter. Em 1914, Georg Misch publicou, como primeiro volume das edições de Dilthey, o segundo volume das *Obras reunidas* com o título de *Concepção de mundo e análise do homem desde a renascença e a reforma*. O prospecto da editora, redigido em 1913, esclarecia e fundamentava o empreendimento iniciado com a publicação das *Obras reunidas*: “tornar acessível a tarefa, disso que [Dilthey] em uma longa vida rica em trabalhos conseguiu e projetara, aos muitos que já há muito o requisitavam”. Ademais, os volumes anunciados primeiramente para o ano de 1914, foram providenciados somente a partir 1921 por Paul Ritter (vol. III) e Herman Nohl (vol. IV); Bernhard Groethuysen publicou a nova edição ampliada da *Introdução às ciências humanas* no ano de 1922 (vol. I). Em 1924, Georg Misch preparou uma *nota prévia* extensiva para a edição de dois volumes de *O mundo espiritual* (vols. V e VI), que proporciona uma intuição decisiva até os dias de hoje da história do surgimento interno da obra de Dilthey. De especial peso filosófico foram ambos os volumes (VII e VIII), que Bernhard Groethuysen editou nos anos de 1927 e 1931. Eles transmitiram ao público – na introdução dos escritos mais significativos do período de criação tardio – um acesso aos trabalhos de Dilthey da *Construção do mundo histórico nas ciências humanas* e da “teoria das concepções de mundo”.

⁹² Cf. Contrato e plano para os “Escritos de Wilhelm Dilthey” de 29/01, de 27/02 e de 10/03/1913.

⁹³ Cf. F. Rodi: O início das edições de Dilthey (carta de Groethuysen de 20/07/1922), loc. cit., 173.

⁹⁴ K. Gründer: Prefácio à continuação das “Obras reunidas” de Wilhelm Dilthey, in: W. Dilthey: Obras reunidas, volume XV, VIII.

No ano de 1915, apareceu nas *Notificações* do “Arquivo de literatura de Berlim”, que havia sido fundado pelo próprio Dilthey, e a quem a sua herança fora transmitida em meio ao espólio científico, um documento biográfico importante: *Ethica. Dos diários de Wilhelm Dilthey (1854-1865)*. A filha de Dilthey, Clara, organizou em 1933 um completo “quadro de sua vida em cartas e diários de 1852 a 1870” sob o título de *O jovem Dilthey*. Mas foi de um peso filosófico maior a publicação no ano de 1923 das *Correspondências com o conde Paul Yorck von Wartenburg de 1877 a 1897* pela condessa Sigrid von der Schulenburg. Ela desejava escrever um trabalho para o círculo de amigos de Straßburg, ao qual Erich Rothacker pertencia, “sobre a gênese e crítica da ‘Introdução às ciências humanas diltheyana’”.⁹⁵ Em 1921, ela conheceu Groethuysen e Ritter, que trabalhavam em Berlim na publicação dos escritos de Dilthey e a levaram ao espólio de Dilthey. Por intermédio de Paul Ritter, o conde Heinrich Yorck a convidou a Klein-Oels, para que lá ela pudesse consultar as cartas de Dilthey ao conde Paul Yorck. “Em Klein-Oels eu achei mais do que esperava. As cartas do falecido conde pareciam-me quase ainda mais importantes do que as mais de cem cartas de Dilthey recheadas de conteúdo, à medida que a imagem que eu tinha dele se impelia em mim nesta última semana mais e mais para primeiro plano. Uma profunda natureza original, que associações raramente atraentes de uma poderosa vontade com um espírito puramente contemplativo. E em lugar algum essa personalidade poderia ter falado a mim mais fortemente do que na própria Klein-Oels, onde o presente é devorado com o passado.”⁹⁶ Rothacker, que já se encontrava presente naquele momento para trazer à vida o *Deutsche Vierteljahrschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte*, concebia a ideia de uma publicação das correspondências. Apesar do conde Heinrich Yorck, por força de inibição de dar à consulta os documentos pessoais de seu pai a um círculo de pessoas completamente desconhecidas, não querer por ora colocar em expectativa uma edição das cartas, confiou-as a Sigrid von der Schulenburg com uma publicação – ainda que incompleta. Quando ele morreu repentinamente em 1923, Sigrid von der Schulenburg solicitou, para o fechamento do contrato da família com a editora, que, para uma gerência mais uniforme da edição, alguém com experiência deveria ser designado. Por sorte, o próprio conde Heinrich Yorck nomeou, em seu testamento, para aconselhamento nas publicações das obras póstumas de seu pai a pessoa de Paul Ritter.

Em 18 de abril de 1923, a viúva de Dilthey, Katharina Dilthey, concedeu plenos poderes ao seu genro, Georg Misch, para a guarda de seus “direitos provenientes do espólio científico de meu marido falecido”. O Arquivo de Literatura de Berlim, onde o espólio de Dilthey era guardado, foi posto à disposição da Academia de Ciências de Berlim e é, desde 1968, parte do arquivo central da academia da atual “Academia Berlim-Brandemburgo de Ciências”. Papeis pessoais, especialmente cartas,

⁹⁵ K. Gründer: Sobre a filosofia do conde Paul Yorck von Wartenburg, loc. cit., 17.

⁹⁶ Ibid. (Carta de S. von der Schulenburg a E. Rothacker).

permaneceram com a família: com Max Dilthey em Berlim-Kladow, com Clara e Georg Misch em Göttingen. Em 1945, o que se encontrava em Berlim-Kladow foi muito provavelmente perdido. Alguns restantes em Göttingen se transformavam, com o decorrer do tempo, com Herman Nohl e Georg Misch em cópias do espólio e transcrições de preleções também de outros autores. Elas foram para a divisão de manuscritos da “Biblioteca Estadual da Baixa Saxônia da Universidade de Göttingen” e lá formam um pequeno segundo arquivo de Dilthey.⁹⁷

A “edição de estudo” (K. Gründer), que foi organizada pelo círculo dos alunos diretos no espírito de seu mestre, reunia oito volumes até 1931. “Os volumes seguintes”, assim dizia Otto Friedrich Bollnow, “resultavam-se sem um plano uniforme de mais ocasiões acidentais.”⁹⁸ A conselho de Nohl, Bollnow publicou em 1934 as preleções de pedagogia (vol. IX). O volume X, preventivamente omitido, trouxe, no ano de 1958, a *Ética* de Dilthey, que fora editada por Nohl. “Erich Weniger utilizou do tempo, no qual ele foi demitido do serviço público pelos nacional-socialistas, para organizar os trabalhos originais da juventude sobre a história prussiana (vol. XII) e sobre o surgimento da consciência histórica (vol. XI).” Eles foram publicados no ano de 1936. A partir dos *Estudos sobre a história do espírito alemão*, Misch e Nohl publicaram em conjunto a coletânea *Da poesia e música alemães*, no ano de 1932. Igualmente fora da série das *Obras Reunidas*, saiu a coletânea de artigos de juventude providenciada por Nohl, *A grande poesia imaginativa e outros estudos sobre história da literatura comparativa*, no ano de 1954. A segunda parte da *Vida de Schleiermacher*, que Dilthey planejara originalmente com Eduard Spranger como co-autor, pertencia também, no fundo, ainda a esta “série crescente sem um plano contínuo” dos escritos diltheyanos.⁹⁹ Essa segunda parte foi editada, em 1966, por Martin Redeker como volume XIV com base nos trabalhos preliminares de Herman Mulert.

No ano de 1957, a Göttinger Verlag Vandenhoeck & Ruprecht assumiu a reedição dos escritos; a editora anterior de Dilthey, B. G. Teubner, cedeu-lhe a licença. “Nós, velhos pupilos”, assim escreveu Herman Nohl naquela ocasião, “somos gratos de ainda podermos vivenciar isso”.¹⁰⁰ No ano de 1962, a Dr. A. Fratzscher, da Verlag Vandenhoeck & Ruprecht, moveu entre o casal Misch, a editora e Karlfried Gründer reflexões e diálogos, sobre “se as edições das ‘obras reunidas’ deveriam ser continuadas e, em caso afirmativo, como isso deveria ser feito”.¹⁰¹ Com o prosseguimento dos escritos pela iniciativa de Karlfried Gründer e – desde 1982 em

⁹⁷ Cf. K. Gründer: Prefácio ao prosseguimento das “Obras reunidas” de Wilhelm Dilthey, loc. cit.

⁹⁸ O. F. Bollnow: A posição de Wilhelm Dilthey na filosofia alemã. Sobre a história das edições e da recepção de Dilthey, in: do mesmo: Studien zur Hermeneutik. Volume I: Sobre a filosofia das ciências humanas. Freiburg/Munique 1982, 181.

⁹⁹ Ibid.

¹⁰⁰ H. Nohl: Sobre a reedição das obras de Wilhelm Dilthey, loc. cit., 275.

¹⁰¹ K. Gründer, loc. cit., VIII.

cooperação com – Frithjof Rodi, iniciou-se uma nova série de volumes, “com a qual o caráter da edição se modificou amplamente”. “Se os volumes de até então surgiram ou a partir dos alunos imediatos ou em estreita conexão com eles, de modo que eles ainda pertencessem à tradição imediata diltheyana, os novos editores” do XV vol. em diante “se localizavam já a uma livre distância histórica de Dilthey”. “Além disso, os meios de pesquisa, mais ricos e fluentes” do Conselho Alemão de Pesquisa, “possibilitavam uma integridade que ainda não era alcançável nos volumes anteriores.”¹⁰² Depois dos volumes XV a XVII editados por Ulrich von Herrmann, que continham inúmeros trabalhos jornalísticos de Dilthey, em sua maioria anônimos ou sob pseudônimo, começou com o volume XVIII a edição dos *manuscritos* póstumos. No volume XVIII, publicado por Helmut Johach e Frithjof Rodi, foram reunidos os trabalhos preliminares para a *Introdução às ciências humanas* e, no volume XIX, igualmente publicado por Johach e Rodi, as elaborações e projetos da parte sistemática do segundo volume da *Introdução*. O volume XX, editado por Hans-Ulrich Lessing e Frithjof Rodi, expunha as preleções de Dilthey sobre teoria do conhecimento, sobre lógica e sobre o sistema das ciências e sobre o sistema da filosofia. As preleções de Dilthey sobre psicologia e antropologia foram reunidas no volume XXI, editado por Guy van Kerckhoven e Hans-Ulrich Lessing. O volume XXII, também editado por van Kerckhoven e Lessing, abrange os manuscritos sobre o desenvolvimento da concepção de uma psicologia descritiva. A grande preleção sobre *História geral da filosofia*, encontra-se no volume XXIII, providenciado por Gabriele Gebhardt e Hans-Ulrich Lessing. No volume XXIV, editado por Gudrun Kühne-Bertram, estão reunidas as preleções, projetos e fragmentos de manuscritos sobre psicologia estruturalista, lógica e teoria dos valores, todos tardios. O volume XXV, editado por Gabriele Malsch, reconstrói o projeto histórico-literário de Dilthey de meados dos anos noventa, *Poeta como observador da humanidade*, e o volume XXVI, com o qual as *Obras reunidas* se concluem, traz uma edição crítica de *A vivência e a poesia*, providenciada do mesmo modo por Gabriele Malsch.

A obra de Dilthey, que, na época de vida do autor, foi recebida com hesitação, vivenciou desde os tardios anos sessenta do século passado, uma atenção fortalecida e experimentou uma nova atualidade. Inúmeras monografias e pesquisas independentes foram publicadas desde então e uma abundância de traduções e trabalhos em língua estrangeira sobre a obra de Dilthey comprovam o efeito intensivo e internacional de seu pensamento.

O *Anuário-Dilthey sobre filosofia e história das ciências humanas*, fundado em 1983 por Rodi e que publicou doze volumes até o ano de 2000, o “Centro de pesquisas Dilthey”, igualmente por ele fundado, no Instituto de Filosofia da Universidade do Ruhr em Bochum, uma série de congressos, em especial na ocasião de seu 150º ano de morte em 1983, a ampla recepção alemã e internacional, uma americana, uma francesa, uma japonesa, uma russa, uma edição das obras sendo planejada em

¹⁰² O. F. Bollnow, loc. cit., 182.

português, bem como um sem-número de traduções em italiano e em outras línguas deixam nítido que Dilthey é tido entremes como um clássico da filosofia alemã da virada do século XIX para o XX e que seu trabalho possui uma atualidade irreduzível em torno da discussão sobre uma filosofia das ciências humanas.

REFERÊNCIAS

KERCKHOVEN, G.v., LESSING, H.-U., OSSENKOP, A. Wilhelm Dilthey – Filósofo da vida e das ciências humanas. In: *Wilhelm Dilthey – Leben und Werk in Bildern*. Karl Alber Verlag: Freiburg/München, 2008, p. 11-56.

LESSING, H.-U. Wilhelm Dilthey – Filósofo da vida e das ciências humanas. In: *Aoristo: International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*. 2019, n.3, v.1, p. 14-31.

Submetido: 27 de fevereiro de 2020

Aceito: 23 de março de 2020

TRADUÇÃO

KERCKHOVEN, G.v., LESSING, H.-U. *Wilhelm Dilthey – Vida e obra*